

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

LETÍCIA BORGES DA SILVA

Histórias de Guerra:
A Participação da Força Expedicionária Brasileira
na II Guerra Mundial

Monografia apresentada ao curso de graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação do Professor Dr. Hermetes Reis Araújo.

Uberlândia, fevereiro de 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

Histórias de Guerra:
A Participação da Força Expedicionária Brasileira
na II Guerra Mundial

LETÍCIA BORGES DA SILVA

LETÍCIA BORGES DA SILVA

Histórias de Guerra:
A Participação da Força Expedicionária Brasileira
na II Guerra Mundial

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hermetes Reis de Araújo – Orientador

Prof. Ms. Leandro José Nunes

Prof. Rita Melo

Dedico esta obra aos meus queridos
pais, Francisco e Maria, e a minha irmã,
Lucília.

Agradecimentos

Após a elaboração deste trabalho tornam-se necessários alguns agradecimentos:

Agradeço aos Professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia que participaram efetivamente da minha formação acadêmica, de modo especial o Professor Hermetes Reis de Araújo, que generosamente e atenciosamente se dispôs a orientar-me nessa pesquisa.

Quero estender meus agradecimentos aos Professores da Banca Examinadora Leandro e Rita que me atenderam prontamente para realizar a avaliação dessa pesquisa.

Agradeço à gentileza dos Srs. Paulo Jesuíno, Renato Raimundo e João Borges que me atenderam prontamente e com seus depoimentos enriqueceram imensamente esse trabalho, tornando-se fonte fundamental da pesquisa.

Agradeço ao Paulo Henrique, por aceitar pacientemente a ausência, além de ser um leitor atento dessa pesquisa, e cujo trabalho como historiador sempre me serviu de exemplo. A ele todo meu carinho.

Quero demonstrar também minha gratidão para com meus pais e minha irmã, a quem dedico esse trabalho, por terem sempre me apoiado e incentivado durante o período da realização da pesquisa.

Agradeço também ao Guilherme Bizzo que realizou a revisão ortográfica do texto.

Por fim quero deixar registrado que meus colegas de turma sempre demonstraram companheirismo e caminharam junto comigo no árduo caminho que juntos traçamos.

A autora.

Servida a sinfonia, poderíamos nos sentar.
Cruel é o azul: de um buquê de vidas
Surge a guerra.

Sinistro planejamento...
Todos pisam em crianças que foram.

Miséria, diamante azul, abandono.
Flores despojadas da vida essencial:
Ai que o pensamento da guerra
É para impedir a sede
E acelerar
A crucificação.*

* Poesia de Murilo Mendes, descrita em CYTRYNOWICZ, Ronei. **Guerra sem Guerra. A Mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. EDUSP, São Paulo, 2000. Pág. 333.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
CAPÍTULO I – O GOVERNO, A SOCIEDADE E A FORÇA EXPEDICIONÁRIA NO CONTEXTO DA II GUERRA MUNDIAL.....	11
I – O ESTADO NOVO DIANTE DA GUERRA.....	11
II – A SOCIEDADE DEFENDE A ENTRADA DO BRASIL NA GUERRA.....	16
III – O EXÉRCITO E A FEB EM CAMPANHA NA ITÁLIA.....	20
CAPÍTULO II – O COTIDIANO DA FEB NA CAMPANHA E O ESTRANHO MUNDO DA GUERRA.....	28
I – O COTIDIANO DOS SOLDADOS.....	28
II – IR À GUERRA OU IR À LUA?.....	37
CAPÍTULO III – A EXPERIÊNCIA DE GUERRA SEGUNDO VETERANOS DA FEB.....	43
I – UMA VIDA MARCADA PELA GUERRA.....	44
II – UMA EXPERIÊNCIA EMOCIONANTE.....	49
III – DE REPENTE ME TORNEI UM ENGENHEIRO.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	58
ANEXOS (FOTOS DO PERÍODO)	

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem como proposta de trabalho estudar a participação do Brasil na II Guerra Mundial. A necessidade da análise deste tema ocorre mediante as carências do imaginário social brasileiro, sobre a II Guerra Mundial como também na programação das abordagens históricas de uma forma geral, seja nos centros acadêmicos ou no Ensino fundamental e médio.

A participação do Brasil na II Guerra Mundial é fato pouco estudado, em muitos casos este assunto é praticamente ignorado, nos livros didáticos, por exemplo, estas discussões são praticamente inexistentes. Muitos exemplares se limitam a pequenos trechos que rapidamente comentam esta experiência da FEB. Esta carência é preocupante, pois anula uma importante discussão da história brasileira contemporânea.

Com objetivo de contribuir para diminuir esta carência, esta pesquisa traz informações que esclarecem e narram um período conturbado da política e das relações estrangeiras estabelecidas pelo Brasil e outros países na época.

O enfoque central é atribuído ao tema da Força Expedicionária Brasileira, resultado concreto dos esforços do governo, e do seu empenho em participar dos conflitos contrários ao poder alemão e dos seus interesses.

Com o envio das tropas que compunham a FEB, o Exército, e também o governo de Vargas, firmavam seu poder perante a sociedade, a qual aplicava pressões para que o Brasil fosse honrado no cenário das batalhas.

Mas a FEB nesta pesquisa não é tratada na sua totalidade, nem suas campanhas são analisadas em todos os seus detalhes. Mas os seus precedentes, os motivos e as ações que culminaram no seu envio também fazem parte deste estudo, como forma de possibilitar uma melhor compreensão de sua história.

Para trabalhar os vários caminhos percorridos pela FEB bem como inúmeras particularidades, recorri aos veteranos da FEB. Os Ex-Combatentes da FEB são personagens principais deste trabalho, pois foi através da atuação destes indivíduos, que a FEB desenvolveu suas atividades na campanha italiana.

Neste sentido utilizei recursos proporcionados pelo apoio da História Oral, que de acordo com Thompson: *estabelece relação entre a memória pessoal e a repercussão nacional.*¹ As memórias individuais redirecionam as discussões divulgando o comprometimento emocional e político dos indivíduos. E isso ocorre com o tema da FEB e da participação do Brasil na II Guerra Mundial. É com objetivo de análise destas particularidades, que a História Oral se destaca, pois segundo Thompson:

*“A História Oral pode contestar verdades históricas absolutas, verdades históricas aceitas, ou pelo menos, pode torná-las mais complicadas e contraditórias. Ela pode nos ajudar a compreender como as memórias populares são criadas e reproduzidas, e como e porque elas influenciam ou não os indivíduos e a sociedade. Gostaria de pensar que é possível fazer história oral que conteste a prática cultural dominante e ao mesmo tempo reafirmar experiências, identidades e recordações pessoais – mas não acho que seja fácil.”*²

Assim ao conhecermos os conteúdos das entrevistas realizadas, veremos as diversidades e contradições dispostas sobre o tema. Em análise a uma entrevista apenas é possível notar o quanto esta experiência de guerra gerou complicações na vida dos agentes envolvidos.

A FEB foi analisada através de obras escritas por representantes do Exército, as quais disponibilizaram uma série de dados importantes para levantamento das questões. Informações como a quantidade de soldados mobilizados e as estratégias utilizadas nas batalhas foram levantadas de forma objetiva, e caracterizam o caráter informativo da pesquisa.

Em outra análise, diferentes abordagens foram levantadas através da pesquisa documental que visava, uma posição mais crítica relacionada à campanha da FEB, o livro *Guerra em Surdina* foi o principal aliado neste momento, pois trata de forma minuciosa o espírito e o cotidiano dos soldados da FEB.

Ao introduzir as discussões referentes à FEB e seu desempenho, houve necessidade de mostrar as ações do governo de Getúlio Vargas antes, durante e após a oficialização da declaração de apoio aos Estados Unidos na Guerra, o que ocasionou a formação da FEB.

¹ THOMPSON, Alistair. **Quando a Memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do Exército Nacional.** In: Projeto História, São Paulo, (16), fev, 1998. Pág. 285

² Idem, ibidem. Pág. 287

Através destas informações foi possível notar o quanto a política Varguista estava cheia de contradições neste momento.

Posteriormente à análise parcial destas características da política daquele período, tornou-se obrigatório divulgar informações sobre as mobilizações organizadas pela sociedade que se demonstrava favorável à entrada do Brasil na guerra. Esta peculiaridade também gerou uma série de opiniões, pois a população ganhava espaço para contestar a ditadura Vargas e ao mesmo tempo impulsionava mudanças no comportamento político do Governo. Neste sentido, o embarque e o engajamento da FEB em apoio aos Estados Unidos, concretizavam os anseios da população.

Mas não bastava neste momento declarar guerra e confirmar o embarque de tropas. Também no primeiro capítulo estaremos tratando das dificuldades enfrentadas pelo Exército ao iniciar as operações de formação da FEB. Inúmeros obstáculos foram transpostos, até que a primeira tropa embarcasse rumo à Itália a bordo de navios estrangeiros.

As entrevistas colaboram no sentido de confirmarem muitas informações explicitadas ao longo do estudo oferecido pelas fontes bibliográficas, e obviamente explorar as recordações dos veteranos de guerra.

Como reflexo das dificuldades já observadas mediante os precedentes da campanha febianiana na Itália, suas atividades foram exploradas no sentido de situar todas as fases. Na síntese da campanha será possível conhecer seus acertos e suas dificuldades na medida em que se desenvolviam as estratégias que tomaram o território italiano.

No segundo capítulo, alguns detalhes sobre os precedentes da campanha são trabalhados. De acordo com a experiência de Schnaiderman descrita em seu livro *Guerra em Surdina*, abordaremos, as impressões diante das convocações civis, para que estes reforçassem a composição da FEB.

Também as condições do transporte e de elementos como alimentação dos soldados já nas atividades da campanha, e evidentemente colocações referentes ao cotidiano dos soldados no período em que as tropas estiveram na Itália.

No texto seguinte foi trabalhada a reação dos soldados diante do estranho mundo da guerra. Suas impressões, foram narradas também no livro *Guerra em Surdina*, mostram um

lado pouco conhecido do fato. E tratam da experiência que para muitos representava apenas uma pequena participação do Exército brasileiro, como um momento que apresenta inúmeras mudanças ocasionadas pelo choque dos pracinhas diante da realidade da guerra.

No Capítulo III as fontes orais são o grande destaque, nas recordações dos veteranos de guerra, conhecidas através de entrevistas, estão suas posições, suas opiniões e suas impressões sobre a FEB. Por serem agentes diretamente envolvidos, eles elucidaram certas curiosidades à cerca de suas experiências.

Em anexo foram inseridas algumas fotografias, com o objetivo de ilustrar algumas imagens da época.

CAPÍTULO I – O GOVERNO, A SOCIEDADE E A FORÇA EXPEDICIONÁRIA NO CONTEXTO DA II GUERRA MUNDIAL.

I – O Estado Novo diante da guerra.

Iniciando as discussões relacionadas à participação do Brasil na II Guerra Mundial, é necessário destacar o momento político da época. O Brasil passava pelo governo ditatorial de Getúlio Vargas, trata-se de um período riquíssimo em informações, mas de difícil entendimento, apesar de ser tema de várias análises históricas. Os acontecimentos em torno das atividades de guerra se dissolvem em meio a importância de se trabalhar a política, a economia e o contexto social nos primeiros anos da década de 40. Referindo-se aos anos 1940, 1941 e 1942, pois o governo brasileiro oficializou seu apoio aos aliados em setembro de 1942, mas somente em 1944 a Força Expedicionária Brasileira embarcou rumo à Itália. Desse modo ainda há de ser analisado o ano de 1939, marco inicial da II Guerra Mundial.

Após o início da campanha hitlerista de ocupação dos países europeus, as nações da América deixaram claro suas respectivas posições de neutralidade. Seria oneroso um envolvimento mais profundo por questões de posições geográficas, bem como a difícil situação que a maioria dos governos passavam. Com exceção dos Estados Unidos, os demais países não tinham condições de garantir e manter em segurança seus territórios.

Esta posição de neutralidade veio a ser abalada em 1941, quando os japoneses atacaram a base americana de Pearl Harbor. Estas informações oficiais, presentes em maioria dos estudos publicados em torno do fato, servem para simplificar de certa forma as complexas relações políticas vigentes naquele momento entre países europeus e americanos. O que havia era verdadeiro envolvimento global, com os países estabelecendo laços políticos, tratados comerciais, características de determinadas condições de dependência. Este panorama é reconhecido pela forma como os Estados Unidos ajudavam os britânicos mesmo utilizando seu discurso de neutralidade. Na mesma direção estava o Brasil, que aproveitava o momento para negociar suas exportações com os Estados Unidos já que grande maioria dos países europeus apresentavam uma economia em declínio.

Neste momento um conflito político ideológico caracterizava a ditadura Vargas, era de conhecimento, as influências fascistas na política ditatorial de Vargas, mas ao mesmo tempo esta tendência agredia toda a sociedade que posteriormente demonstrou profundas indignações.

Segundo estudiosos, algo impedia Getúlio Vargas de demonstrar uma posição transparente, logicamente isto em uma ditadura é impossível, mas além desta problemática, estão os rumores de uma certa simpatia aos governos nazi-fascistas, o elemento que mantinha firme a sua posição de neutralidade. Por outro lado a influência norte americana representava um ideal democrático, desejo da ansiosa população brasileira, com destaque para as camadas médias e burguesas.

A discussão sobre as contradições presentes no governo Vargas ganha mais destaque quando remetemos o debate ao sentido objetivo do conflito, que estava basicamente ligado à intenção de combater um sistema ditador que agredia todo o mundo. Assim, aceitar a pressão norte-americana para declarar guerra às forças do Eixo, deixava o governo brasileiro em posição delicada, uma vez que este dava sinais de simpatia para com os governos da Itália e Alemanha.

Mas as contradições não se comparam com as inúmeras facetas do governo identificadas através de alguns estudos sobre a questão. Vargas deixava bem claro em alguns de seus discursos que a posição de neutralidade, adotada pelo governo significava a autonomia de sua política, que estava traçando os rumos do país sem pedir licença aos americanos.

Divergências na equipe de governo eram constantes, composta em sua maioria por militares. Assim, certa disciplina e homogeneidade havia de ser seu objetivo principal, mas entrar em um consenso parecia ser tarefa árdua mediante os diversos interesses visto nesse meio. Segundo João Falcão, autor que elaborou estudo relacionado à participação do Brasil na II Guerra Mundial, o cenário era o seguinte:

“No dia 10 de junho, quando a França já dava sinal de rendição à Alemanha, e a Itália entrara na guerra, invadindo-a, Roosevelt pronunciou um discurso na Universidade da Virgínia, “em que deixou clara sua simpatia pelos inimigos do Eixo”. Na verdade, ele não podia dizê-lo oficialmente, mas, intimamente, havia decidido convencer o abstencionista povo americano a apoiar a Inglaterra tanto quanto fosse possível.

Coincidentemente, no dia seguinte, a 11 de junho – comemoração da Batalha de Riachuelo -, o presidente do Brasil, a bordo do encouraçado Minas Gerais, pronunciou um discurso simpático ao Eixo, que obteve grande repercussão no país e no exterior.

Os dois blocos politicamente opostos, que conviviam no Estado Novo sob a égide de Getúlio Vargas, procuraram “puxar a brasa para a sua sardinha”. A maioria dos oficiais das Forças Armadas que ouvia o discurso, notadamente o

*ministro da Guerra, general Eurico Gaspar Dutra, o chefe do Estado Maior do Exército, general Pedro Aurélio de Góes Monteiro, e o chefe de Polícia, major Filinto Muller, notórios germanófilos, ficou entusiasmada com a oração presidencial. Outros militares, como o general Manoel Rabelo, e alguns ministros americanófilos, como o das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha e o da Fazenda, Souza Costa, reprovaram-no, sem externar publicamente nenhuma manifestação. A imprensa e o povo tampouco puderam manifestar”*³.

O governo dos Estados Unidos neste momento obtinha conhecimento do que estava acontecendo no Brasil, através da imprensa estrangeira que publicava notícias fornecidas pelo DIP. Cabia aos membros do governo brasileiro, os quais acreditavam na importância dos Norte-americanos e sua política, convencer o presidente Getúlio Vargas a se justificar e contradizer seus discursos simpáticos ao Eixo. Mas a presente discussão sobre a guerra estimulava outros pensamentos, e o interesse pelo capital estrangeiro proveniente dos Estados Unidos, estava sendo cada vez mais cobiçado pelo governo brasileiro e principalmente por Getúlio Vargas que, em conversa com o interventor do Estado do Rio de Janeiro, Augusto Hernani do Amaral Peixoto, declarou:

*“Eles vão entrar na guerra e vão pedir as bases do Nordeste. Nós temos que dar, será a nossa defesa e a deles. Agora, nós precisamos de quê? De armamento, porque os militares vão querer armamento. Além disso, vamos cobrar um preço: a usina siderúrgica.”*⁴

Neste momento foram iniciadas as negociações entre Brasil x Estados Unidos, onde o objetivo maior era conseguir armamentos que assegurassem a segurança da nação brasileira já que se reconhecia uma certa susceptibilidade, em relação a uma possível agressão dos países do Eixo. Assim a política brasileira estava progressivamente se posicionando à favor dos Estados Unidos, país que já deixava claro a aliança estabelecida com a Inglaterra.

Poucos dias depois da declaração de guerra da Alemanha e Itália aos Estados Unidos, a situação internacional apontava para a realidade de um cenário que partia para uma guerra total, onde parecia necessário que o governo brasileiro se colocasse de imediato a favor dos Estados Unidos. Convocada uma reunião, foi deliberado por unanimidade que o Brasil seria solidário a este país. Era necessário neste momento não tomar atitudes extremas, pois existia o sentimento de enorme insegurança e medo de que a guerra atingisse covardemente a costa brasileira. As estratégias norte-americanas neste momento já haviam tido início. A utilização

³ FALCÃO, João. **O Brasil e a II Guerra Mundial: Testemunho e depoimento de um soldado convocado**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999. p. 34

⁴ Idem, p. 36

do porto de Recife e Salvador levavam ajuda á campanha britânica no norte da África, a construção e a ampliação de bases aéreas no norte e no nordeste do país já se concretizavam.

O mais grave incidente aconteceu dias depois, quando as relações entre estes países se abalaram porque o Presidente Roosevelt teria desrespeitado as normas do governo brasileiro e enviado tropas americanas para as bases do nordeste. Assim uma série de declarações foram enviadas em demonstração de indignação pelo próprio governo, e mais tarde tornou-se conhecimento de que o fato partira das forças armadas dos Estados Unidos. Isto significava algo mais que ajuda diplomática entre os dois países, pois Brasil e Estados Unidos já estavam juntos, e o governo brasileiro passava por uma situação extremamente delicada. Conhecendo a situação, os embaixadores dos respectivos países do Eixo iniciaram pressões ao governo brasileiro.

Oficializadas as atividades aliadas em território brasileiro, medidas contra o eixo partiram de ordens internas, e várias agências e instituições eixistas foram fechadas, sendo proibidas correspondências e decretado pena de morte para atos de sabotagem.

O Brasil no contexto da II Guerra Mundial mudava a direção da sua posição, a política do governo caminhava assim para outra realidade.

O Esforço de guerra americano que contava com a colaboração brasileira, foi motivo e atração para a hostilidade do Eixo que bombardeou alguns navios brasileiros utilizando submarinos alemães, como comenta Gerson Moura:

“A partir da Conferência do Rio, foi constante o aumento da contribuição do Brasil para o esforço de guerra norte-americano. Essa contribuição incluía a crescente produção e o transporte de materiais bélicos estratégicos; a permissão para os EUA utilizarem as bases aéreas do Nordeste no transporte de materiais e tropas de alta prioridade para os Aliados na África, no Oriente Médio e no Extremo Oriente ; e a abertura dos estaleiros brasileiros aos navios dos Aliados. Essa estreita colaboração com o esforço de guerra norte-americano atraiu a hostilidade de Eixo, e em fevereiro alguns navios mercantes brasileiros foram atacados e afundados por submarinos alemães.”⁵

Durante meses vários navios foram alvo da campanha eixista. Mais de 600 vidas se perderam, dentre estas muitos civis. Diante destes acontecimentos, o governo anuncia que os estrangeiros residentes no Brasil em especial, Alemães, Japoneses e Italianos teriam seus bens

⁵ Citado em FALCÃO, João. Op. cit. “Neutralidade dependente: o caso do Brasil, 1939-42”, artigo de Gerson Moura, publicado na Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1993, p.186.

confiscados para suprirem os prejuízos provocados pelos naufrágios. Sem demora as autoridades que representavam estes países se defendem:

“A 24 de agosto, a rádio de Berlim transmitiu para o Brasil, em português, um comentário sobre o estado de beligerância, cheio de falsidade em relação a nós. No dia 29, o próprio embaixador Ritter envia um telegrama secreto e cifrado às representações diplomáticas alemãs em Buenos Aires e Santiago: “Não há palavras para classificar tantas inverdades”. O governo nazista por intermédio de seus agentes naquelas capitais, enviou instruções aos elementos que possuía no Brasil, para lançar dúvida sobre a identidade dos submarinos atacantes. Era importante que muita gente acreditasse tratar-se de submarinos norte-americanos que, desse modo, estavam compelindo o Brasil a participar ativamente da guerra. Elementos integralistas prestaram-se à esse papel. Essa mentira foi tão bem difundida, e com tanta habilidade, que até hoje ainda há quem acredite nela.”⁶

A população indignada sai às ruas em uma série de manifestações nos grandes centros do país, no desenvolvimento das relações em meio às discussões sobre a declaração de guerra, a população foi personagem constantemente presente. Em muitos casos, conflitos foram inevitáveis e a violência culminara em extrema desordem, o que pode ter pressionado o governo a declarar Estado de Guerra. Neste momento, a segurança interna do país trabalhava objetivando reprimir as ações populares. Enfim, criava-se um estado de vigilância interna proibindo manifestações.

Neste jogo de interesse característico do governo varguista da época, estavam inseridos os planos de formação de uma expedição do exército, que representaria o Brasil no cenário do conflito mundial. A Força Expedicionária Brasileira foi discussão freqüente no ano de 1943 e neste momento a vitória dos aliados era dada como certa, mas o governo insistia em se aproveitar de suas relações. Apesar de que um corpo expedicionário gerasse ônus, Getúlio previa que ao demonstrar mais empenho nos esforços de guerra, poderia, além de divulgar a força do Estado brasileiro para o todo o mundo, conseguir que o capital norte-americano financiasse mais projetos brasileiros.

Neste sentido a FEB para o governo brasileiro, tinha vários significados e objetivos, era responsável pela demonstração de poder do Estado, bem como meio para se conseguir certa hegemonia junto aos países da América Latina.

⁶ FALCÃO, João. Op. cit. p. 122.

II – A Sociedade defende a entrada do Brasil na guerra.

“O Brasil foi o único país cujo povo pediu ao governo para declarar guerra ao Eixo”⁷. Esta peculiaridade é sem dúvida uma discussão que se destaca dentro das temáticas que enfatizam a participação do Brasil na II Guerra Mundial. Esta informação é surpreendente, difícil de acreditar. A Guerra, acontecimento abominável, que gera sentimento de medo a toda a humanidade, teve significado diferente em território brasileiro. Grande parcela da população, principalmente aquela residente nos grandes centros do país na época, foi às ruas em inúmeras manifestações clamando pela declaração de guerra, que seria finalmente formalizada por Getúlio Vargas. A impressão que se tem é que esta população não tinha medo e enfrentava o terrível inimigo nazi-fascista com todas as suas forças.

As atividades de guerra até então eram desenvolvidas do outro lado do atlântico. As poucas informações que chegavam ao território brasileiro eram difundidas nas capitais (pouco conhecimento relacionado à guerra foi difundido pelo interior do país). Provavelmente a população acreditava que os conflitos não alcançariam o Brasil. Para estar na guerra naquele momento bastava a declaração de apoio aos Estados Unidos.

Declarar guerra ao Eixo oficializando apoio aos Estados Unidos, não significava apenas uma aliança política. Esta afirmação está diretamente associada ao medo e desconfiança que a sociedade tinha da ditadura estadonovista. Este medo seria amenizado no momento em que o governo ditador entrasse em contradição com seus próprios princípios. As notáveis influências nazistas da ditadura estavam presentes na posição de neutralidade proclamada pelo governo, mas a população não aceitava esta condição e iniciava as manifestações lideradas por estudantes das grandes universidades, os quais corriam pelas cidades organizando grupos de discussões, publicando notas sobre a guerra, sobre o governo e, principalmente, sobre o nazifascismo.

As indecisões do governo agravavam as tensões. Era necessário neste momento definir suas estratégias, e o mais viável era o apoio declarado aos Estados Unidos, país que já mantinha relações com o Brasil e logicamente liderava as ações de guerra na América, ocupando ainda uma posição privilegiada na economia mundial. Os Estados Unidos despertavam o interesse financeiro de muitas nações e ciente desta questão, a maioria da população via nos Estados Unidos o modelo de economia, desenvolvimento social e também

⁷ Idem, Ibidem. Comentário de Capa

conferia grande destaque a sua política democrática e capitalista, a qual gerava qualidade de vida a seus cidadãos e um sentimento nacionalista e patriótico, qualidades desejadas pelos brasileiros na época.

Tanta admiração foi reconhecida nos cenários de manifestação de apoio aos EUA em imediato após o ataque a Pearl Harbor.

“Os Estados Unidos declararam guerra apenas ao Japão, Porém a Alemanha e a Itália declararam guerra no dia 11 de dezembro, deixando evidente o propósito do Eixo: partir para a guerra total. Agora, era o mundo todo que estava conflagrado. Parecia inevitável que nosso país se colocasse de imediato ao lado dos Estados Unidos, mas o governo brasileiro limitou-se a convocar uma reunião do seu ministério quando se deliberou, por unanimidade, que o Brasil ficaria solidário com aquele país. A opinião pública nacional, impulsionada pelos antifascistas, pelos simpatizantes dos Estados Unidos, pelos comunistas e pelos estudantes, que constituíam maioria, pressionava para que o Brasil tomasse uma posição mais incisiva, comprometendo-se nessa luta contra a barbaria nazista como já haviam feito outros países americanos”⁸.

Mesmo diante das pressões e contradições internas referidas no capítulo anterior, o governo ainda resistia. Mas ele cederá ajuda, disponibilizando parte do litoral brasileiro aos americanos. O que significava um rompimento com os países do eixo, o que fez com que a população enfatizasse seu apoio ao governo.

Movimentos mais radicais ainda foram vistos após o afundamento de navios brasileiros por submarinos do eixo:

“Em Salvador – testemunhei –, uma onda de ódio e pundonor cívico levantou-se e espalhou-se por toda a cidade, traduzindo-se pelas manifestações populares, passeatas e comícios que reuniam multidões, onde oradores inflamados e traumatizados pediam vingança e a declaração de guerra. Dia e noite o povo baiano permaneceu nas ruas, enfrentando a chuva e muitas vezes a Polícia Especial, gritando pela guerra – já por ele declarada – e prometendo desforra em desagravo aos irmãos que tombaram. Daí para a prática de atos de depredação das casas comerciais de alemães, italianos e também de espanhóis, que formavam a maior coletividade estrangeira na Bahia, foi um passo. Provocadores incentivavam a massa e invadiam lojas e escritórios dos membros dessas colônias. O saque foi inevitável”⁹.

Outras agressões puderam ser registradas ao longo dos acontecimentos:

⁸ FALCÃO, João. Op. cit., p. 64.

⁹ Idem, ibidem, p. 103.

“Esta tem sido a versão histórica dominante sobre os dias que antecederam a declaração de guerra do Brasil, sugerindo uma comoção nacional e intensa, além de dirigida ação popular pedindo a guerra, afinal formalmente declarada em 31 de agosto de 1942. Em 4 de julho de 1942, a UNE organizara uma passeata antinazista no Rio de Janeiro e ocorreram distúrbios contra estabelecimentos alemães, como a Bayer. Em 8 de agosto de 1942 ocorreu uma manifestação em Salvador, Bahia, e, no dia 18 de agosto, na Praça da Sé, em São Paulo, organizada pelos estudantes de direito da Faculdade de Direito da USP que exigiram a entrada do país na guerra. Também no dia 18 de agosto um grupo de estudantes no Rio de Janeiro, tomou o prédio do Clube Germânia na praia do Flamengo e instalou lá o quartel general dos estudantes no Brasil”¹⁰.

Notadamente neste momento o papel da imprensa foi fundamental. O sensacionalismo dos jornais e o drama dos panfletos mostram o quanto a sociedade estava determinada a participar das agressões aos nazifascistas e iniciava suas atividades contra o Eixo no próprio território brasileiro.

Estas manifestações populares e estudantis são objetos de estudo de vários autores que teorizam a questão da guerra no Brasil. Vários capítulos narram os acontecimentos precisando datas locais nomes de pessoas. Ao longo de mais de três anos, manifestações foram constantes, mobilizando um contingente muito grande de participantes, que organizavam cuidadosamente as ações. Estes cuidados na maioria das vezes eram tomados, uma vez que durante a ditadura, fatos como esse eram vigorosamente proibidos e censurados.

Este é o grande questionamento que fazem os autores que enfatizam o caráter contraditório, incerto e inseguro do Estado Novo. Cada movimento, cada articulação na rua, significava uma vitória em cima da ditadura e demonstravam cada vez mais o poder das massas sobre o governo, a força de uma vontade uniformizada no sentimento amedrontado pelo nazismo ou desejo de mudar um sistema repressor.

Para alguns autores a declaração de guerra pronunciada por Getúlio Vargas mediante os avanços das pressões populares e mesmo de alguns membros do governo significa não somente a entrada do Brasil na II Guerra Mundial ou apoio dos Estados Unidos. Esta entrada oficial na Guerra é destacada como um caminho rumo à democracia, ou seja, as mobilizações populares objetivavam um outro interesse, elas estariam organizando as primeiras reações públicas contra o Estado Novo. Assim ressalta João Falcão.

¹⁰ CYTRINOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração/EDUSP, 2000, p. 325.

“O povo brasileiro não tolerava mais a “paciência” de Getúlio e de seu governo com a Alemanha. A essa altura, em todos os quadrantes do país eram realizadas manifestações de rua, em repúdio ao Eixo.

Por outro lado, lideranças antifascistas e do movimento patriótico brasileiro temiam o perigo de um golpe da quinta coluna nazi-integralista, aliada às forças militares germanófilas e às correntes atigetulistas, que embora democráticas ainda não haviam compreendido que a política de união nacional para a luta contra o nazi-fascismo levaria à redemocratização do país, sem o perigo de sua fascistização com um golpe contra Getúlio.”¹¹

Para Roney a, condição brasileira diante das várias pressões exercidas apresentava uma multiplicidade de significados:

“No dia 22 de agosto de 1942, o governo declarou guerra à Alemanha e à Itália e, duas semanas depois, decretou a mobilização geral. Segundo um dos líderes dos opositores do governo Getúlio Vargas, Luiz Arroba Martins, a mobilização pró-guerra dos estudantes de Direito e outros setores integrava uma estratégia para derrubar o governo. Já o secretário de Segurança de São Paulo, Acácio Nogueira, acreditava que a declaração de guerra em agosto de 1942 e o engajamento dos opositores nesse ato transformava-os em colaboradores do governo... A propaganda em favor dos Estados Unidos, de caráter democrático e liberal, confundia-se com a oposição ao regime e molestava as autoridades do Estado Novo. O general Dutra, ministro da guerra, identificava-as com as atividades comunistas.”¹²

Contudo, as manifestações da população durante os primeiros anos de guerra tiveram papel fundamental nas decisões do governo. Inserida a esta questão, está a problemática da criação da Força Expedicionária Brasileira. O envio de um contingente militar brasileiro ao cenário de guerra era ansiosamente aclamado pelos mobilizados grupos de manifestantes, isto significava um engajamento maior às medidas necessárias ao esforço de guerra.

¹¹ Idem, ibidem, p. 98.

¹² Idem, ibidem, p. 330.

III - O Exército e a Força Expedicionária Brasileira em campanha na Itália

Nas discussões sobre a participação dos brasileiros na II Guerra Mundial, se destacam informações oficiais transmitidas pelo Exército brasileiro, principal detentor de dados técnicos e de caráter divulgador e propagandista da Força Expedicionária Brasileira. Nesta terceira parte, destaca-se o estudo de obras organizadas por representantes da Biblioteca do Exército brasileiro. Estas obras coincidem em seus respectivos objetivos, homenagear o trigésimo e quinquagésimo aniversário do final da guerra e da Força Expedicionária Brasileira.

Os textos demonstram rigorosa organização e profundo conhecimento das ações da FEB, tratam da análise e registram detalhadamente documentos oficiais da época, fotos, esboços, projetos e mapas, enfim, divulgam minucioso trabalho de pesquisa aos documentos do Exército Brasileiro.

As obras de uma forma geral procuram retratar o cenário social e político da sociedade brasileira na década de quarenta. Ou seja, falam da atuação política da ditadura getulista, das relações políticas entre Brasil e os países do Eixo rompidas em 1942, e da subordinação com relação aos ditames dos EUA. Mas, estas questões são tratadas superficialmente por estes autores, pois o objetivo maior destas obras é ilustrar fatos do conflito bem como homenagear os indivíduos diretamente envolvidos nas ações de guerra¹³.

Uma série de fatores levou o governo a declarar apoio aos EUA, nesse momento muitos autores comentam que ainda assim o governo brasileiro resistia e em muitos discursos chegou a comentar a difícil realidade pela qual passava o nosso Exército.

Muito chama a atenção as passagens que sugerem o apoio popular e as pressões que a população aplicava ao Governo. A revolta do povo nas ruas contra o Eixo foi fundamental para a marcha dos acontecimentos. Diante da pressão norte-americana pela entrada do Brasil na guerra, que não podia ser ignorada devido aos fortes laços econômicos que uniam os dois países, e do torpedeamento de alguns navios brasileiros por submarinos do eixo, fato que teve o efeito de exaltar a opinião pública contra a Alemanha Nazista, o governo Vargas viu-se

¹³ Ver, por exemplo, COSTA, Octavio. **Trinta anos depois da volta: O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976.

obrigado a definir sua posição e declarar guerra ao Eixo, numa atitude de pura auto preservação política.

Com entusiasmo e certo sentimento de orgulho, está explícito nos textos a descrição de um grande marco econômico ou talvez profunda transformação econômica, que é resultado dos esforços em se organizar o tão planejado e destacado grupo de brasileiros que lutariam e representariam o país no conflito, é o que está representado nas palavras de Octávio Costa:

*“O Brasil foi à guerra. E saiu da II Guerra outro Brasil. O que hoje somos está profundamente marcado de nossa participação na guerra mais terrível da história da humanidade, porque foi naquela hora inquieta e triste que se conseguiu fincar os alicerces da grande transformação. E amadureceu na guerra a geração de brasileiros que haveria de tomar as mudanças em suas mãos”*¹⁴.

Em célebre homenagem à FEB, o autor não apenas encena cumprimentos, mas também a descreve como principal responsável pelas fortes mudanças de caráter político que futuramente viveria a sociedade brasileira. Pois a entrada do Brasil na guerra significava que Getúlio negava sua própria imagem de simpatizante ao sistema fascista. Enfim liderava uma sociedade nova, que partia rumo a modernidade, pátria que estaria representada no estrangeiro por forças militares que lutariam em nome da democracia.

Inúmeros obstáculos foram transpostos pelo exército brasileiro, quando se iniciaram as preparações que formariam a FEB, o fato é reconhecido e muitas vezes mencionado ressaltando que a FEB foi a maior atividade militar do Exército brasileiro no século XX.

Desde o anúncio da criação da FEB, até o seu batismo de fogo, decorreram vinte e um meses, neste período as ações tinham como objetivo, transformar a difícil situação pela qual sempre passara nosso país desde sua formação, ou seja, a FEB juntamente com recursos estrangeiros iria contrariar a seguinte impressão que o autor faz da realidade sobre o Exército e a sociedade brasileira.

“Tudo nos vinha de fora: o trem, o automóvel, o navio, o avião e o trator. Produto nacional, da escassa manufatura feita aqui, era sinônimo de falta de qualidade. Não tínhamos refinaria nem siderurgia, nem grandes hidrelétricas. O Brasil continuava sendo o eterno país do futuro... A Marinha de guerra limitava-se, quase exclusivamente, aos velhos e obsoletos encouraçados “Minas” e “São Paulo”, e a Aeronáutica, ainda vinculada à forças de terra e

¹⁴ COSTA, Octavio. **Trinta anos depois da volta: O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976. p. 11.

mar, mal começava a nascer... Esse era o Brasil de antes da guerra, contemplativo e pobre, pessimista e preguiçoso, inquieto e contraditório, marcado de preconceitos e complexos, às vezes visionário, quase sempre Jeca Tatu”¹⁵.

O Exército brasileiro era reflexo das condições predominantes na sociedade. Esta condição de país ultrapassado e principalmente pobre em recursos nos acompanham também nos dias atuais. Ou seja não é possível notar grandes mudanças de caráter econômico ou no cenário social por exemplo. O Brasil sempre contou com a influência estrangeira de forma generalizada em seu cotidiano.

Para o Exército que se adaptou objetivando presença na guerra o fato não lhes causou grandes impactos no sentido da absorção de recursos, pois grande parte dos investimentos foram aplicados somente durante a guerra e gastos nas atividades militares ocorridas no período.

Entretanto para o Exército brasileiro, a FEB não significava apenas uma atividade isolada e temporária, necessária naquele momento. A FEB simbolizava avanços em todos os campos, uma verdadeira revolução no Brasil, sua abrangência ilimitada rompia barreiras e vinha acompanhada por profundas mudanças.

Inúmeras são as dificuldades enfrentadas pelo Exército, e naquele momento não somente a crise e falta de recursos deveria ser vencida, havia um problema de ordem militar, como a organização, os regulamentos, os processos de combate, “a doutrina”, como descreve Aldo Gusmão:

“... as doutrinas táticas professadas pelo comando das forças armadas estavam totalmente inadaptadas para a guerra de movimento, sendo baseadas primordialmente na concepção tática francesa pré guerra, cujo expoente maior era o general Gamelin. Esta doutrina era essencialmente defensiva, com caráter estático. A história demonstrou seu fracasso quando da destruição da Linha Maginot pela retaguarda após uma reedição do velho Plano Schlieffen, a mesma armadilha na qual os franceses haviam caído na guerra de 1914-18. Diante desta realidade, a mobilização e o treinamento dos soldados e oficiais para a campanha na Europa foram tarefas complexas”¹⁶.

¹⁵ Idem, ibidem, p.21.

¹⁶ GUSMÃO, Aldo M. **O Cotidiano dos pracinhas da FEB durante a campanha na Itália**. Página da Web. www.cfh.ufsc.br/~feb

Isto justifica os vinte e um meses de preparo da FEB, uma divisão heterogênea do Exército que transpôs padrões franceses, para se disciplinar à americana. Segundo os autores os difíceis problemas enfrentados iam desde a seleção de pessoal, que exigia padrões muito acima de nossa realidade, além da dificuldade de concentração e de preparação de unidades descentralizadas. Além disso, novas qualificações funcionais surgiam: batalhão de saúde, comunicações, reconhecimento mecanizado, esquadrilha aérea de observação, frações de guerra química e outras. Com isso vários contingentes de militares deveriam se preparar, para posteriormente treinar soldados convocados. Isto também seria uma tarefa pesada para o Exército, já que o seu efetivo passou de 60 mil para 180 mil, e destes, 25.000 estiveram diretamente envolvidos em combate. O grande número restante permaneceu em território brasileiro se preparando para repelir ações inimigas. Ao imaginar os números, é possível ter noção das dificuldades enfrentadas, mesmo tendo conhecimento de que o Exército tem facilidade e domínio de organização.

Tratando das viagens à Itália, e das ações de guerra propriamente dita, os militares destacam que a “FEB chegou à Itália num momento em que os aliados viam escassear suas forças de combate”. Para melhor compreensão é necessário ressaltar que o grande grupo de convocados foi desmembrado e desembarcavam na Itália em diferentes datas, e também em quantidades que variavam. Isto também está relacionado a melhor forma de se organizar um contingente enorme de homens, a FEB na frente de combate, era uma divisão permanente empenhada, sem descanso e que mantinha o Brasil na luta.

A campanha da FEB na Itália se desenvolveu em 239 dias, apresentando os seguintes dados: 430 praças mortos, entre os oficiais ocorreram 21 mortes e baixas por ferimentos e acidentes enumeraram 2.722, foram também divulgados os números de prisioneiros mantidos pela companhia, além do número de aprisionados um pequeno grupo de 55 soldados.

A FEB foi conhecer na Itália maioria de seu equipamento, assim este pouco contato articulado entre os soldados e o seu armamento, pode ter sido responsável por tantas mortes. Se incorporar ao V Exército americano, significa muito mais que reforçar as tropas, era motivo para que o norte americano patrocinasse desde os alimentos até o uniforme da FEB, o que por muito tempo, segundo os autores consultados, foi motivo de vexame para os homens da FEB. Mas algo haveria de ser original, o emblema adotado pela FEB e que era fixado ao uniforme o desenho da “Cobra Fumando”, ainda é assunto polêmico, sua origem ainda é

desconhecida, certamente deveria ter saído dos milhares e anônimos pracinhas, como enfatiza o autor:

“a cobra está fumando”. Nunca se haverá de saber, com precisão, qual a versão verdadeira. Nunca se saberá se o dito, passado de boca em boca, se referia, como querem alguns, ao charuto do chefe exigente e severo que a todos intimidava; ou se quem o disse, pela primeira vez, foi o soldado mineiro que viu partirem os companheiros, no velho trem “Maria Fumaça”; ou se a referência á cobra que fumava era um gesto de afirmação da presença da FEB na guerra, ante o negativismo e o deboche dos que dela duvidavam. A única verdade incontestável é que o símbolo da cobra fumando nasceu no coração do pracinha mais humilde – daí a extraordinária motivação psicológica que logrou alcançar, apesar de suas imperfeições de natureza visual”¹⁷.

Este negativismo, e sentimento de inferioridade presente nas discussões sobre a FEB, levantados no texto acima, ganham nova perspectiva quando se trata das atividades em si, as batalhas são muito bem descritas, apesar do autor tratar seu texto com sendo uma síntese da Campanha da FEB. Dessa forma torna-se mais simples o estudo sobre o quadro estratégico dos combates praticados pela FEB juntamente com o V Exército Americano.

Para compreendermos melhor o ambiente de guerra ao qual teriam que se adaptar os batalhões da FEB, é necessário imaginarmos a região da Itália, onde as atividades se desenvolviam, como descrito e demonstrado em mapas, a região era montanhosa, basicamente rural. Era uma região estratégica tomada por alemães que se encastelavam em meio as montanhas e naquele momento dominavam boa parte do território italiano, uma vez que os norte-americanos, haviam tomado outra direção, atacavam a Alemanha á partir da França. Assim os brasileiros segundo os autores, viriam para suprir esta carência, e lutar de forma a forçar os alemães a se entregarem.

Dividida em cinco períodos, a campanha da FEB foi iniciada em setembro de 1944, neste primeiro período, um destacamento da FEB recebe ordem para atacar, nomeada como a batalha de Camaiore e Monte Prano, foi um momento de preparação não muito importante, mas não deve ser esquecida, pois não se apaga da memória um primeiro revés de descuido da inexperiência dos soldados, afirma Otávio Costa. Servindo de incentivo, este momento e esta conquista abriram caminho para uma das maiores e penosas batalhas. A Batalha de Monte Castelo. As dificuldades deste momento estão diretamente ligadas ao rigoroso inverno

¹⁷ Idem, ibidem, p. 26.

italiano, bem como difícil tarefa de combate em elevações, uma experiência pouco conhecida pelos brasileiros.

A tomada de Monte Castelo, para se ter uma idéia da difícil tarefa, durou cerca de quatro meses, e neste período a FEB registra o maior número de baixas de sua campanha. Quatro ofensivas malsucedidas são descritas por militares:

“O primeiro e o segundo ataques ocorreram em 24 e 25 de novembro de 1944, sob a responsabilidade de um grupo tático americano, a Task Force 45, apoiado por um batalhão da FEB. Conseguiu-se ao menos conquistar uma elevação importante o Monte Belvedere.

Terceiro ataque, em 29 de novembro, foi feito somente pela FEB, com um batalhão de cada um dos seus três regimentos. Infelizmente, os alemães de 232ª Divisão de Infantaria haviam expulsado os americanos do Belvedere, na véspera. Assim, os brasileiros que tentavam subir o monte tinham de aturar o fogo não só pela frente, mas também pelo flanco esquerdo.

Não deu certo, do mesmo modo que o quarto ataque, em 12 de dezembro, que durou apenas cinco horas. Chuva, lama, frio e tiroteio cerrado dos alemães conspiraram contra o sucesso. Com o céu encoberto, a aviação não podia ajudar. A lama fazia os soldados escorregarem nas encostas e atrapalhava os tanques americanos que lhes davam apoio.

Nessa investida, sob a neve do inverno europeu, até 20 graus negativos, houve 145 baixas (mortos e feridos)...Daí em diante, os brasileiros passaram a ter aulas de esqui e ganharam capotes brancos para se camuflar na neve. Era decisivo tomar a ala norte dos Apeninos como trampolim de futuras ofensivas. Eles tinham que evitar o efeito “carga da brigada ligeira”, em que uma tropa leva tiro de canhões de três lados. E assim foi feito.

O Monte Castelo só foi tomado em 21 de fevereiro de 1945, graças a um ataque simultâneo a várias elevações vizinhas. Para a nova tentativa os aliados dispunham de um trunfo: a 10ª divisão de montanha, uma tropa de elite especialíssima, formada apenas por homens acostumados a vida em regiões altas dos EUA. A divisão atacou lado a lado com os brasileiros. O plano para o ataque fora criado pelo oficial de operações da FEB, o tenente-coronel Humberto de Alencar Castelo Branco...Ao contrário dos avanços temerários de antes, dessa vez a tropa soube progredir cuidadosamente buscando cobertura passo a passo, para evitar ataques frontais e atingir o inimigo de lado. As armas mais pesadas da infantaria agiram juntas, para impedir uma represália alemã ao avanço dos aliados. Tiros de metralhadoras forçavam os soldados a se jogar no chão. Uma vez fixados em um ponto, começavam um bombardeio com morteiros. Combinando fogos, fazendo as unidades se apoiarem. Às 18 horas, um pelotão brasileiro chegava à crista do Monte Castelo. Houve 103 baixas brasileiras nesse dia, entre os quais 12 mortos. Mas o objetivo, apesar de tudo, havia sido conquistado”¹⁸.

Analisando este difícil momento da campanha brasileira, é possível notar o caráter de apoio o qual era prestado ao V Exército norte-americano. Também um certo teor de

¹⁸ FRIZZARIN, Fernando Bryan. **Monte Castelo**, Página da Web. www.cfh.ufsc.br/~feb

irresponsabilidade do nosso Exército em colocar em risco os soldados. Os soldados brasileiros não tinham experiência na frente de combate principalmente se tratando de áreas elevadas que dificultavam o deslocamento da tropa. Nesse sentido as primeiras ordens para atacar foram incoerentes e não contavam com a inexperiência dos soldados. Somente após o plano rigorosamente traçado e a melhora das condições climáticas houve a conquista. Desse modo a impressão de uma certa incoerência que aniquila vidas, vem à tona. Estas ofensivas mal sucedidas eram tramadas como treinamento para a FEB. Adquirindo experiência suas atividades efetivas se aprimoravam. Aos poucos era possível notar certa evolução nas táticas de guerra dos mobilizados contingentes que atuaram nas batalhas. Outra questão que chama a atenção é o fato dos alemães estarem praticando um “tudo ou nada” onde se arriscavam e não demonstravam medo, ou seja, estavam prevendo um difícil fim, onde a entrega seria inevitável, já os brasileiros poupavam vidas, lutavam por ordem de um determinado governo com certos interesses, e ainda tinham noção das suas precárias condições de combate que cobravam mais cuidado e medo.

Já em outro momento, prosseguindo a ofensiva ainda em terreno muito acidentado, montes de rocha viva que ainda abrigavam alemães, iria se conflitar o papel de Monte Castelo, nesta fase segundo militares, “*Castelnuovo desenvolveu-se com segurança e relativa economia de vidas, a mais bem concebida ação tática da campanha brasileira na Itália*”¹⁹. Isolaram o ponto, e dois ataques em diferentes direções eram tramados, investiram pela frente atraindo fogo do inimigo. Soltaram ações de cima e dos lados envolvendo o lugarejo. Nesse sentido, a campanha demonstra seu aprimoramento nas frentes de combate, mas uma outra experiência ainda não articulada pela FEB, viria nos próximos meses a abalar e movimentar os regimentos, a batalha urbana de Montese marca o fim da campanha.

Toda a divisão foi mobilizada nesta campanha. Em 14 de abril de 1945, a FEB iniciou a maior batalha dos brasileiros na II Guerra, foram mais de 400 baixas entre mortos e feridos, os alemães “*estavam feito doidos*” diz soldado em depoimento²⁰ e as tropas brasileiras acreditavam que esses alemães não agüentariam, o que realmente aconteceu, completada após dois dias o combate em área urbana tornou-se a mais sangrenta vitória da FEB que foi apoiada

¹⁹ COSTA, Octavio. Op. cit., p. 34

²⁰ Citado em: FRIZZARIN, Fernando Bryan. Op. cit.

por tanques americanos, os brasileiros sofreram terrível reação alemã que tinham uma experimentada artilharia. Mas uma vez rompida a defesa os alemães começaram a retirada.

A campanha se dirigia ao norte onde muitas divisões capturavam vilas e caracterizavam uma campanha de perseguição em algumas cidades, o comando mandava ultimatoss, desejando poupar mais sacrifícios, pediam a rendição e ameaçavam dizendo que os grupos de brasileiros estavam prontos para atacar.

Em muitas cidades a visão era de uma disciplinada rendição alemã, segundo soldados brasileiros, os alemães deixavam as armas ao lado das estradas, isto significava também que as operações da FEB estavam no fim. Em maio de 1945, último mês da guerra no território europeu, os brasileiros alcançaram Susa, fronteira França-Itália. No dia 8 desse mesmo mês os exércitos alemães se renderam incondicionalmente.

Naturalmente a campanha da FEB pode ser considerada verdadeiro exercício de aprendizagem, que de forma progressiva desenvolveu aspectos positivos desta experiência inédita, para os soldados e para o próprio exército. Isto está basicamente relacionado à forma como as batalhas foram transpostas de acordo com a estratégia implementada em diferentes momentos. Ou seja, as atividades no início da campanha transcorreram com certas dificuldades, onde muitos homens morreram precocemente vítima de ordens ainda imaturas e do pouco treinamento praticado pelos soldados brasileiros. Com o passar dos meses este mesmo exército teria se surpreendido, ao reconhecer que em suas táticas, planejamentos e próprio ataque transpareciam certo equilíbrio que os poupavam de mais sofrimento.

Muitos estudiosos retratam um certo negativismo inserido às experiências da FEB. Segundo eles o responsável por este notável progresso é o próprio Exército alemão que neste período apresentava dificuldades de articulações, tratavam-se dos últimos meses de conflito, marcados pelo cansaço e sofrimento, que traçavam o destino do conflito aos alemães onde a rendição seria a mais positiva das reações.

CAPÍTULO II – O COTIDIANO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA NA CAMPANHA E O ESTRANHO MUNDO DA GUERRA.

I – O COTIDIANO DOS SOLDADOS.

Neste capítulo serão discutidas temáticas relevantes mencionadas por autores que abordaram a realidade cotidiana das atividades implementadas pela FEB e principalmente as condições oferecidas aos soldados durante as batalhas. Irá se perceber determinada reversão no desenvolvimento e construção desta pesquisa, pois no primeiro capítulo foram tratadas questões de âmbito geral como: as reações do governo perante a guerra, as manifestações organizadas pela população no período e as ações militares, antes e durante a campanha italiana. Agora se torna necessário resgatar o comportamento dos soldados diante desta difícil situação, incorporar o espírito dos agentes diretamente envolvidos no conflito.

Serão trabalhadas certas particularidades presentes na campanha da FEB. Utilizaremos estudos de alguns autores, dentre eles Boris Schnaiderman e Rubem Braga, ambos veteranos de Guerra que atuaram de forma diferenciada na campanha. Mas, coincidentemente, sentiram a necessidade de se resgatar as memórias da guerra, e tecer comentários interessantíssimos sobre suas próprias experiências. Boris em seu livro intitulado “Guerra em Surdina – Histórias do Brasil na Segunda Guerra Mundial”, retrata a guerra do ponto de vista de um inexperiente soldado que diante da convocação militar interrompeu seus estudos em Medicina para lutar na Itália junto a FEB. Em sua narrativa, Boris apresenta mais que um testemunho objetivo da campanha na Itália, mas revela uma série de dificuldades enfrentadas pelos soldados, ao começar pelo momento da convocação, que deixava o reserva assustado e ao mesmo tempo ansioso e revelava um certo sentimento de satisfação pessoal em alguns casos.

Tratava-se de uma condição imposta para maioria dos civis, mas no caso do Brasil, como já foi tratado no capítulo anterior, houve manifestações favoráveis à guerra, reivindicando a formação de um contingente de soldados que nas frentes de combate representou o Brasil e apoiaram o V Exército americano em suas atividades. Alistamentos voluntários proporcionaram a formação de contingentes militares que contavam com o apoio de soldados que se engajaram na causa da FEB.

Rubem Braga, como correspondente de guerra, aproveitou seu material composto por fotos, relatórios e até entrevistas concedidas por soldados para escrever a obra, “Crônicas da guerra na Itália”, visão da guerra e a da FEB que traz detalhes relacionados a forma como os soldados foram transportados, como também a própria alimentação fornecida aos batalhões.

O dia-a-dia dos soldados, mediante a convocação é uma surpresa, principalmente porque temos a informação de que a organização da FEB se desenvolveu ao longo de dois anos e mobilizou cerca de 25.000 soldados. Logicamente batalhões de várias cidades do país, eram organizados obedecendo a critérios adotados por quartéis que se localizavam próximos às residências destes soldados convocados. Boris narra sua impressão neste momento:

“Pálidos, nervosos, abatidos, os homens apinhavam-se no saguão do Ministério da Guerra. Foram convocados por jornal, ao acaso segundo parecia. Outros da mesma idade continuavam nas ocupações habituais, sabendo de apenas por vagas notícias, comentando os acontecimentos do mundo como se conversassem de futebol ou da carestia. E os convocados não compreendiam por que a sorte recaíra justamente sobre eles. Mais rapazes chegavam a cada instante. Colocavam-se entre a multidão, e a espera prosseguia. Ninguém sabia quanto ia durar aquilo. De quando em quando, um oficial ou sargento abria caminho entre os homens, que se acotovelavam, empurravam-se e soltavam palavrões. Conversava-se. Fazia-se amizade”²¹

Esta impressão vem complementar a idéia que temos de um momento difícil para o Exército brasileiro, onde organizar um grande grupo de homens era tarefa complicada e demandava uma forma inovadora de mobilização. Isso permitiu que fatos como o citado acima se tornassem freqüentes nas várias cidades que sediavam quartéis do Exército. Demonstrando a fragilidade do sistema e a ansiedade do Exército mediante a necessidade de comprovar números, ou seja, quanto maior o número de convocados, melhor seria, pois isto está diretamente relacionado ao poder de guerra de um país. Já que o Brasil não demonstrava segurança com relação á sua tecnologia bélica, iria disponibilizar seu poder em recursos humanos.

Assim durante as atividades que inspecionavam a saúde dos convocados isto esteve explicitamente demonstrado através dos atos da equipe médica militar.

²¹ SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em Surdina – histórias do Brasil na Segunda Guerra**. São Paulo Brasiliense, 1985. Pág. 7

“Os homens foram mandados para exame de saúde. Ficaram descalços e de busto nu, andando de sala em sala da Policlínica Militar. De vez em quando, entravam numa sala, onde eram submetidos a exame sumário.

O médico militar encarregado do Exame Neuropsíquico nem erguia os olhos do papel em que vinham impressas as perguntas que devia fazer.

- *Gosta da vida militar?*
- *Não Senhor.*
- *Pretende fazer carreira no Exército?*
- *Não, Senhor.*
- *Houve algum louco em sua família?*
- *Não Senhor.*

O médico rabiscava “normal” na ficha e gritava:

- *O seguinte!*

Os homens continuavam peregrinando pelas salas da Policlínica. Sentiam frio nos pés, resfriavam-se com as correntes de ar. Numa das salas, outro médico mandava tirar as calças e a cueca, olhava os homens maquinalmente de frente e de trás e rabiscava também “normal” nas fichas.”²²

Esta passagem descrita entra em contradição com informações transmitidas por representantes do Exército no capítulo anterior. É de conhecimento que as Forças Armadas dos Estados Unidos, fizeram inúmeras exigências ao Exército Brasileiro, principalmente relacionadas às condições físicas dos soldados. Os convocados deveriam passar por rigorosos critérios de avaliação. O Exército brasileiro ciente da dificuldade de se encontrar homens que apresentavam forma física satisfatória, saúde ou até mesmo alfabetizados, agiram conforme a realidade social do país não respeitando as normas impostas por seu patrocinador, o que de forma alguma é citado nos estudos publicados pela Biblioteca do Exército.

Talvez esta precária seleção possa ter acontecido somente no quartel por onde o personagem do livro esteve, mas a julgar pelas condições gerais deste serviço do Exército, na maioria dos quartéis este pode ter sido o padrão dos exames realizados. Deve-se levar em consideração que tratava-se de uma convocação de última hora, onde variava muito a idade dos homens, grau de instrução e condições físicas.

Ficar aguardando ordens, esta era a principal atividade dos convocados que permaneciam nos quartéis porque não tinham condições de retornarem para suas cidades de origem. Logo, grupos iam se conhecendo, e em conversas teciam os mais diversos

²² Idem, Ibidem, p. 8.

comentários sobre o que estava acontecendo e o que iria acontecer, muito freqüente as dúvidas sobre o andamento das decisões relacionadas à guerra eram assunto principal.

“Passei pelas mesmas esperas enervantes e inúteis, tive o mesmo pernoite imprevisto na unidade em que fiquei encostado. Batíamos papo, olhando o movimento do quartel, puxando prosa com os praças. De noite, arranjaram-nos uns colchões e nos deixaram num alojamento enorme.”²³

Para o autor não fazia sentido a espera, aguardar as ordens do Exército entrava em contradição com as atitudes decisivas, que culminaram na oficial declaração de guerra e na criação de um Corpo Expedicionário. Seria de bom senso, que os convocados já partissem para o treinamento ou para algo que os identificasse como ativos soldados, cujas as aptidões não estavam diretamente relacionadas ao Exército, mas poderiam ser transformadas ao longo dos dias, mediante a necessidade da sua força ou da sua presença. Ou seja o convocado neste momento sente necessidade de servir ou de demonstrar sua utilidade.

Esta expectativa predominante nos primeiros dias de espera obrigava o jovem convocado a refletir sobre inúmeros conflitos pessoais, e em seu íntimo uma série de questões morais se debatiam, principalmente quando se levava em consideração o que acontecia, estas questões são explicitadas no texto:

“A participação na guerra significava para mim a superação de tudo isso. Era talvez a afirmação da minha personalidade, acima das contingências mesquinhas do momento. Não tivera a coragem de gritar, de protestar, de procurar a luta. Dobrara-me aos problemas da futura profissão, da vida em família, das pequenas coisas do cotidiano. E ao mesmo tempo, ansiava pela minha porção de heroísmo, pela minha própria participação na luta geral, sem que fosse necessário, para isso, tomar pessoalmente uma decisão.

Vira as manifestações de rua, quando se pedira a declaração de guerra ao Eixo, após o afundamento dos nossos navios. Estava “em espírito” com os manifestantes, mas não participara do movimento. Ficara empolgado, mas fora para casa preparar-me para as provas parciais.

No entanto convocado por uma ordem de cima, vendo satisfeito o meu desejo secreto de ação, tornara-me elemento muito participante. Todos se admiravam do meu entusiasmo. Enquanto os meus companheiros se deblateavam contra o governo que os vendera por dólares, para lutar numa guerra com a qual nada tínhamos a ver (eles são brancos, que se entendam”), eu procurava convence-los da justiça daquela convocação. Não era fácil. Ia-se

²³ Idem, p. 9.

lutar pela democracia, mas, para efetiva-lo, sair-se-ia de um país submetido à ditadura.”²⁴

Além de variadas sensações que vão se afluando na mentalidade e no cotidiano dos soldados, estão as manifestações que hora demonstram apoio à necessidade de guerra, ou deixam transparecer certo misto de angústia e revolta. Neste cenário contraditório, é possível notar também que certo número de homens possuíam conhecimento relacionado ao fato e mesmo estando na mesma condição, iam à guerra de forma incondicional, estes estabeleciam suas posições contrárias ou a favor da necessidade de se submeterem a tal situação.

“Estava-se mesmo em vésperas de embarque. O corpo Expedicionário tivera o nome mudado para Força Expedicionária Brasileira. “O Brasil tirou o corpo fora” – diziam os engraçadinhos irresponsáveis, a par de inúmeras outras piadas, que demonstravam o ceticismo popular quer quanto ao embarque, quer quanto à eficiência da ajuda que se poderia prestar aos Aliados.”²⁵

Esta posição um tanto quanto duvidosa era reflexo da visão que os soldados tinham da sua própria inexperiência ou da realidade conhecida mediante o contato com o Exército, o qual perdera credibilidade junto aos praças. Suas ações demonstravam certo desequilíbrio e insensatez, uma vez que este acabava de “encostar” grande quantidade de homens que acreditavam ser motivo de admiração e honra.

Neste cenário de incertezas onde os praças mesmo reconhecendo as carências do Exército, eram de certa forma dominados pelo poder desta instituição, era possível enxergar gestos de desrespeito, os quais demonstravam sentimento de indignação mediante a confirmação do embarque:

*“Pouco adiante, um rapaz pálido e cabisbaixo esperava a vez de enfrentar as ironias do oficial.
- Então, quer ir para a guerra?
- Não quero, estou sendo obrigado, mas, enquanto puder, vou gritar que esta guerra é um absurdo, e que não temos nada com a briga.
O rosto do oficial congestionou-se. Não esperava aquela interrupção brusca da cerimônia agradável e democrática, que ele executava com tanta distinção e aprumo.*

²⁴ Idem, p. 12.

²⁵ Idem, p. 22.

Deu alguns gritos, falou em patriotismo, em honra nacional ultrajada, nos navios postos a pique, e tratou de passar adiante. Os soldados continuavam a responder constrangidos. De vez em quando, o oficial anotava algum pedido no caderninho, mas os praças tinham certeza de que nada resultaria daquilo. Com efeito, nada havia a esperar daquele mundo diferente, que se fechava em suas frases feitas como num círculo, e isolava-se da realidade rude, enfeitando-a com noções pré-formadas de patriotismo, abnegação, dever para com os Aliados, etc.”²⁶.

Atitudes assim são surpreendentes, pois deixam transparecer um certo sentimento de negação e rebeldia dos soldados, que desafiavam o poder de seus oficiais na intenção de se manifestarem contra a posição do Brasil. Mas o embarque nestas circunstâncias parecia inevitável. Nesse momento o mais importante era manter em ordem os preparativos para a viagem que se aproximava, além de lembrar de forma exaustiva o significado oficial da investida campanha brasileira em território estrangeiro.

“Quando o navio se aproximava da barra, ressoou nos alto-falantes a voz do capelão; fazia questão de frisar que aqueles homens iam à guerra não com objetivo de matança, mas para cumprir um dever, obedecendo a ordens de Suas Excelências, o Presidente da República e o Ministro da Guerra. Aquelas palavras de contrição, com o seu contra-senso para soldados que estavam indo à guerra, e justamente para matar e morrer, eram sobretudo desnecessárias, pois o que menos havia ali era ódio ao inimigo. Sem um objetivo concreto, perplexos, atordoados, os homens simplesmente se entregavam ao monstro que os conduzia mares afora, para um destino ignorado”²⁷.

A preocupação predominante no imaginário do Exército neste momento é estar constantemente ressaltando a importância da campanha da FEB. Constitui parte dos exercícios praticados em seu programa de treinamento. É de conhecimento de todos que o Exército trabalha de forma repetitiva várias questões, padronizando algumas atividades.

Considerando que as atividades no navio de transporte estavam bem limitadas à questão da alimentação, da higiene e da vigilância o exercício de honrar a ação de guerra era freqüentemente lembrado. Ao narrar “A viagem dos pracinhas”, o autor Rubem Braga nos

²⁶ Idem, p.27.

²⁷ Idem, p. 35.

traz muitos elementos presentes no cotidiano dos soldados, neste período quando iniciaram em efetivo as atividades da FEB, na Segunda Guerra Mundial.

Mas antes do desembarque no palco da guerra os pracinhas, passariam por dias difíceis a bordo do navio *General Mann*. No caso do 1º contingente, a viagem em companhia de inúmeros soldados, parece ter sido torturante. À medida que tomamos conhecimento desta fase exaustiva, temos a impressão que os soldados chegavam na guerra já cansados. Apesar de que a rotina no navio não estava atribuída à disciplina dos treinamentos ou atividade militar. Os movimentos se resumiam em vigilância no convés, cuidados com a limpeza e alimentação, bem como *“leituras de manuais dos equipamentos, tentar aprender algo do inglês e do italiano, ou simplesmente jogar cartas, damas e xadrez”*.²⁸

Detalhes dessa difícil e desconfortável viagem é descrita em trecho da crônica “Viagem do Pracinha”:

*“O pracinha está num compartimento onde há muitos pracinhas. Há um pracinha no beliche de lona embaixo do seu e há dois pracinhas nos dois beliches acima do seu. Dentro do compartimento, a bombordo, a boreste, a ré, a vante, por baixo e por cima, há mais 379 pracinhas empilhados, todos seminus. Abaixo daquele, há outro compartimento, e abaixo desse outro há ainda outro, acima e ao lado há outros compartimentos, todos absolutamente cheios de pracinhas do chão ao teto. Mas o pracinha mal pode ver dois ou três companheiros. As luzes foram apagadas, e só restam algumas baças lâmpadas vermelhas. ...Sua-se, meus senhores, sua-se aos litros, sua-se aos potes, sua-se a cântaros neste navio trancado. Há ventiladores, há sistemas de renovação do ar, e tudo isso é muito interessante. Mas o pracinha sua. Seu corpo está pegajoso, porque ele só conseguiu tomar banho de água salgada, e o sal do suor se mistura com o sal da água do banho, e o pracinha não pode dormir. Na escuridão de raras manchas rubras, ele fica pensando na vida – e ocasionalmente, na morte”*²⁹.

Esta realidade cruel, comum em uma guerra demonstra a fragilidade do sistema militar que não garantia nem mesmo condições básicas para um melhor aproveitamento da saúde e do condicionamento físico dos soldados.

²⁸ GUSMÃO, Aldo M. **O Cotidiano dos pracinhas da FEB durante a campanha na Itália**. Página da Web. www.cfh.ufsc.br/~feb

²⁹ BRAGA, Rubem. “Crônicas da guerra na Itália.” Rio de Janeiro: Record, 1985, p.14. In: GUSMÃO, Aldo M. **O cotidiano dos pracinhas da FEB durante a campanha na Itália**. Pág da Web www.cfh.ufsc.br/~feb

O reflexo desta precária condição está também presente na alimentação dos soldados. Como não tive acesso a relatos detalhados sobre a alimentação dos soldados ainda no navio transporte, só foi possível analisar de forma simplificada a forma como os soldados se alimentavam, em campo de batalha. Segundo Aldo Gusmão, os suprimentos impressionavam os pracinhas devido a fartura, mas ao utilizarem cotidianamente o Kit alimentar como refeições, tenho a impressão que certa monotonia era freqüente, pois estas eram disponibilizadas de forma repetitiva e serviam apenas para saciar a fome:

“São três bonitas caixinhas (a ração K) muitíssimo bem protegidas por papéis especiais – um para o breakfast, outra para o almoço, outra para o jantar. Lá dentro, engenhosamente arrumado e protegido por celofane, papel, lata ou alumínio, há um mundo de coisas. O breakfast, por exemplo, constava do seguinte: dois biscoitos (um deles duríssimo), uma latinha de carne com ovos, um pedaço de doce de fruta duro, cinco gramas de café, açúcar, quatro cigarros e uma caixinha de chicles. O almoço tinha os mesmos biscoitos, açúcar e cigarro, uma latinha de queijo, uma conserva, suco de limão em pó. O jantar trazia uma latinha de carne e uma sopa em pó como novidades. Essas caixinhas constituem, a princípio, uma surpresa e quase um divertimento para o soldado. Mas quando ele deve se alimentar só com aquilo – fica invariavelmente triste. [...] Darei uma idéia da ração C, que variava bastante, para que só viesse o mesmo cardápio três vezes por mês. Assim, um breakfast incluía suco de tomate (freqüentemente substituído por outro suco de frutas), um mingau, leite, presunto, pão torrado, pastelão doce, manteiga e café. Um almoço: Salsichas, purê de batatas, milho, pão, manteiga. Um jantar: Carne assada com vagens, espinafre, queijo, compota de pêra ou pêssegos, biscoitos, manteiga, suco de frutas, chá. (Na prática havia sempre café, no lugar do chá, assim como o pão e manteiga em abundância). [...] Em resumo: tanto quanto possível nossos homens se alimentavam bem – e a não ser por dificuldades locais e momentâneas de transporte que sempre acontecem na guerra, a comida era abundante graças aos enormes estoques de gêneros dos americanos perto de Livorno e ao suplemento brasileiro”³⁰.

Ao ler este trecho é possível imaginarmos a rotina dos pracinhas diante das suas refeições, caixinhas distribuídas em abundância com alguns variados alimentos industrializados inventados por americanos, degustadas em determinados horários. Tratava-se de um exercício cotidiano presente em toda a campanha.

³⁰ Braga, Rubem. Op. Cit., p. 278

Assim decorriam os dias dos pracinhas durante a campanha, mas a questão da alimentação é apenas detalhe, o qual não supera as atividades de organização que tomavam boa parte do tempo na campanha. Esta informação vem contrariar as imagens mostradas em filmes e romances, por exemplo, que geralmente mostram cenas tórridas de combates sangrentos. A guerra é também rotina de trabalho repetitivo, como mostra Gusmão:

“A rotina dos pracinhas quando longe da linha de frente ou nos momentos em que estava livre do contato direto com o inimigo, era como a de qualquer exército em combate. A manutenção do equipamento pessoal e a dos veículos, a faxina constante dos acampamentos e o treinamento contínuo, necessário para manter a prontidão e o moral era quebrado por momentos de relaxamento como a confraternização com a população das pequenas cidades italianas libertadas pelo caminho da FEB em direção ao norte da Itália ou a tão esperada entrega da correspondência”³¹.

Este texto foi elaborado com objetivo de trabalhar questões pouco mencionadas nos estudos referentes à guerra. Neste caso a experiência dos soldados da FEB tema analisado por alguns autores é referência ao tratar dos detalhes da viagem e da particularidade brasileira. Nesse momento a influência norte americana também é elemento substancial para discutirmos o cotidiano dos soldados. O tema da guerra neste texto sofreu uma inversão, ele foi enriquecido por detalhes da rotineira experiência militar. Mesmo sendo um pequeno comentário, ele traz à tona o universo das ações de guerra representadas por simples hábitos como, por exemplo, a alimentação e a condição de transporte dos soldados da FEB. Esta análise vem demonstrar que o caso da FEB não é exceção, levando-se em consideração que em uma guerra a maior parte do tempo é passado em espera e vigília.

³¹ GUSMÃO, Aldo M. Op. cit.

II – Ir à guerra ou ir à lua?

O título mencionado acima faz alusão ao tamanho estranhamento visto nos soldados em decorrência da grande transformação pela qual passava sua vida. Imaginem homens simples que em muitos casos conheciam apenas o limite de suas pequenas cidades ou vilas, tornarem indivíduos diretamente envolvidos em um conflito desta magnitude e principalmente serem encaminhados ao cenário de uma guerra iniciada a mais de quatro anos.

Isto aliado à questão da incompreensão do fato, pois em muitos casos, como citado anteriormente, a falta de informação era freqüente entre os soldados.

No momento da convocação já é possível analisar certo grau de perplexidade, difícil entender a quantidade de homens mobilizados que já demonstravam o caráter grandioso que viria rotular o poder do Exército brasileiro. Mas a falta de organização e a pouca exigência evidenciavam a verdadeira posição do Exército cujo interesse principal estava relacionado à necessidade de mostrar números, quanto maior a quantidade de homens, mais poder era confiado aos norte-americanos.

O testemunho de Boris Schnaiderman, o qual ressalta os conflitos vividos por seu personagem mediante a convocação e no desenvolvimento das atividades militares junto à FEB na Itália, será utilizado neste texto. O qual nos orienta no sentido de proporcionar mais informações sobre as impressões dos pracinhas à cerca dos acontecimentos referentes à guerra.

Uma das questões marcantes e sempre mencionada por Boris é a diversidade da tropa, ou seja os grupos eram compostos por homens provenientes de várias áreas do país e que apresentavam características que se destacavam, demonstrando comportamento semelhante ao do seu personagem, o qual era desprovido de qualquer conhecimento, das questões militares:

“Pouco importa que entre os homens lançados às entranhas trepidantes do monstro houvesse velhos praças acostumados à rotina militar e jovens convocados dias antes, morenos gigantes vindos de Goiás e Mato Grosso e rapazinhos franzinos, com anos de permanência nas pensões baratas da capital, operários e camponeses, louros sadios de Santa Catarina e doentes de toda espécie, gente com olho de vidro, com um dedo a menos, etc. As vítimas escolhidas para o matadouro acabavam tendo mesmo olhar indiferente a tudo. Apenas, uma dose de doçura bem brasileira, um jeito manso de dizer “meu velho” ou

“velhinho”, uns sambas batucados em caixa de fósforo ou tocados em gaita de boca davam a essa comunidade um quê peculiar, um acento diferente. Um mar humano de sentimentos e recordações, de saudades abafadas e conversas tristes, adquiria uma cor cinzenta condizente com a do monstro e com a incerteza e falta de perspectiva generalizadas.”³²

Isto foi levantado em virtude da grande viagem entre Brasil e Itália, e deixa transparecer um certo pessimismo e ao mesmo tempo retrata a diversidade cultural que se dissolve nas condições e sentimentos semelhantes, saudade e tristeza deviam ser algo comum entre os soldados. Além disso como passar mais de dez dias em alto mar estabelecendo contato apenas entre homens, que apesar de expressarem inúmeras adversidades, possuíam o mesmo destino e o mesmo medo a mesma angústia. Segundo o autor a maior surpresa ao longo da viagem foi quando os soldados sentiram a proximidade da Costa africana, olhares compridos neste momento expressavam saudade e a vontade de voltar a viver em família nas cidades.

No momento da chegada, já em território italiano o autor volta a falar do estranhamento que acompanhava os pracinhas nesta difícil experiência de guerra, passava-se a viver em um mundo distinto e destruído pelos combates:

“E depois que o navio passa em meio a vasos de guerra americanos, ingleses, franceses, de todos os tipos, de todos os tamanhos, e sobre os quais há dezenas de balões cativos da defesa antiaérea, vão-se tornando mais visíveis os estragos junto ao cais: navios de casco para o ar, outros partidos ao meio, chaminés emergindo à superfície, esqueletos de edifícios, um amontoado informe de escombros, sobrados sem teto, estátuas decapitadas, um mundo inesquecível, lúgubre, de alucinação e demência.”³³

Agravando a situação após serem transportados de Nápoles até o local onde montariam acampamento, tinham impressão de que estavam em uma cratera de vulcão devido o silêncio e a situação de abandono:

“Os homens, que já se sentiam esquecidos pela pátria, abandonados por todos, tiveram este sentimento reforçado pelos vinte dias que passaram na cratera de um vulcão extinto. Quase isolados do mundo exterior, condenados à inatividade, não dispoendo de armamento de qualquer espécie e não compreendendo o porque daquele campo de concentração, em território recém conquistado pelo inimigo, pareciam tudo menos uma tropa destinada a entrar brevemente em combate.

³² SCHNAIDERMAN, Boris. Op. cit., p. 33.

³³ Idem, p. 52.

*Mundo estranho e diferente, aquela cratera! Não se ouvia ali o canto de um pássaro, não se via sequer uma borboleta.*³⁴

Mas a apatia geral após 20 dias, foi quebrada com a chegada do equipamento, os quais ainda eram desconhecidos pelos soldados brasileiros. O interesse e curiosidade no primeiro contato mudaram substancialmente a rotina do acampamento:

“Todos estavam ansiosos em receber o armamento. Estranho, isso! Não há ódio contra o inimigo, quase ninguém sabe porque e para que vai ser obrigado a lutar e, no entanto, cada um recebe a sua arma e dar por terminado o período de incerteza e abatimento geral. Continuo sem compreender muito bem o estado de espírito dos meus compatriotas. Talvez cada um queira encontrar um meio de se atordoar, de não pensar em mais nada – não sei.

*Quando chegaram os caminhões e os armamentos, houve rebuliço geral. Lá estavam os grandes caminhões de duas toneladas e meia, que vão levar-nos de encontro ao inimigo, que serão muitas vezes nossa residência e abrigo e dos quais dependerão, talvez nossa vida e nossa morte. Os soldados ficaram namorando os jipes, os carros-comando, as Dodges de três quartos de tonelada. Mas o que mais atraía atenção era o armamento, sobretudo os canhões de 105 mm, que havíamos visto apenas de relance após a convocação, e que eram tão diferentes das peças de artilharia de montanha, de 75 mm, desmontáveis, e que chegamos a conhecer tão bem em nosso período de treinamento na Bateria-Quadros. As metralhadoras eram de outro tipo e, quanto ao armamento individual, receberam carabinas semi-automáticas, que parecem saídas de uma loja de brinquedos: pequenas, leves, bonitas.*³⁵

Como se não bastasse a diversidade dos tipos humanos que compunham a FEB, nossos pracinhas foram se unir a outro contingente estrangeiro os norte americanos, isto sem dúvida foi um choque pois tratava-se de uma cultura totalmente diferente e experiente na condição de guerra.

A experiência de guerra para o soldado brasileiro foi mesmo complexa, isto se explica porque como já foi citado a FEB era composta por homens de diversas camadas sociais, das diversas cidades brasileiras, e para complicar um pouco mais, estes homens lutariam na Itália, teriam contato com italianos e com americanos que os aguardavam ansiosamente para finalizar suas ações de ocupação do território italiano, os soldados no decorrer das atividades

³⁴ Idem, p. 48.

³⁵ Idem, p. 80.

no front manteriam contato também com os alemães prisioneiros na campanha. Boris comenta um pouco este encontro:

“Os nossos soldados vão tendo um contato bastante demorado com os americanos, que parecem igualmente curiosos de conversar. Fala-se principalmente numa mistura de italiano, português e inglês, com uma profusão de gestos significativos. Mas, graças a uns poucos intérpretes improvisados, dos quais também faço parte, a conversa torna-se, às vezes, uma verdadeira troca de experiências e impressões.”³⁶

Acostumados com nossa temperatura amena, mais dominada pelo calor tropical, os soldados brasileiros sofreram muito com o “estranho” inverno que castigou a campanha entre dezembro e fevereiro, os pracinhas souberam improvisar vencendo esta batalha, Boris descreve parte desta crítica situação:

“Abrem-se as latinhas de ração fria, esfregam-se as mãos. O vento fustiga as orelhas e teima em varar a grossa japona. Á tardinha, começa a nevar. É a primeira vez que os soldados vêem neve. Noutras circunstâncias, seria muito interessante. Os homens encolhem-se nos buracos escavados na terra, os fox-holes, e procuram esconder-se sob a gola do capotão americano.[...] Os praças gostavam da neve. Era bom sentir os estalidos secos sob os pés, ver tudo branco, diferente.”³⁷

A experiência de guerra para os brasileiros, demonstrada em algumas páginas do livro “Guerra em Surdina” é riquíssima em informações, porém o relato destas experiências não pode ser aplicado de forma generalizada a todo o contingente de soldados, mas trata-se de importante referência que nos concedeu basicamente informações que expressam condições presentes na guerra de uma forma geral.

A multiplicidade de acontecimentos não está presente somente nas batalhas, mas sim nas mudanças em que se inserem milhares de vidas, seja dos civis, seja dos soldados. No caso dos brasileiros o impacto talvez não foi maior que o ocorrido com os americanos. Mas trata-se de uma mobilização planejada que partiu de um interesse do governo mediante as peculiaridades da ditadura.

³⁶ Idem, p. 85.

³⁷ Idem, p. 110.

Com o decorrer das atividades que exigem certa concentração, o mundo da guerra é incorporado pelo homem, e este passa a assumir uma identidade desconhecida, isto também é marcante na vida dos soldados, trata-se de uma transformação, o homem se condiciona ao cotidiano da guerra, das dificuldades, das precárias condições de higiene e alimentação.

“Sou apenas um homem em face da montanha. Fui me despojando de outros atributos, simplificando-me ao extremo, até ficar reduzido a esta condição. As formalidades e injustiças da vida militar; a promiscuidade do navio transporte com suas filas, seus catres com gente vomitando, com as latrinas em que homens se sentavam frente a frente; as impressões de guerra e de miséria, a prostituição e a mendicância exercidas por populações inteiras; os extremos de degradação tornando-se fato normal e cotidiano; tudo isso me reduziu a mero espectador, mecânico e passivo, cuja vida se limita a calcular tiros que serão enviados contra a montanha.”³⁸

Mas a atenção não está voltada somente para a preocupação em voltar a ser normal está também voltada para o cenário de fim de guerra:

“O norte da Itália estava transformado num país estranho e selvagem. Havia por toda parte um ambiente de carnificina, de guerra civil. Os soldados que vinham do front, cansados de sangueira, ansiosos por um pouquinho de paz, não compreendiam aquele fanatismo da população, aquela sede de sangue, de vingança. Eram ódio gerando ódio, o sangue derramado clamando por mais sangue.”³⁹

Esta visão de um mundo destruído era totalmente desconhecida para os soldados brasileiros. Uma das principais referências analisadas a partir deste contato estabelecido apenas em virtude de uma guerra, é o impacto que geralmente gera traumas e sensações de insegurança na vida destes indivíduos. Ou seja, são ocasionadas emoções tão fortes que em muitos casos as reações provenientes da guerra acompanham os soldados ao longo dos anos. Os brasileiros representados pelo personagem de Boris Schnaidermam demonstram uma certa inquietação, a qual não está implicada nas discussões relacionadas ao trauma da guerra.

Mas o que acontecera na Itália revelava a difícil reconstrução do futuro. A impressão que se tem, após a leitura é que todos os esforços aplicados no intuito de se superar as necessidades presentes devido a destruição material e a carência de um tempo de guerra, não seriam suficientes para superar também as tristezas pessoais e o medo constante na vida dos italianos. Esta impressão está presente também na vida dos soldados brasileiros, uma vida

³⁸ Idem, p. 114

³⁹ Idem, p. 180.

marcada pela guerra. Estes indivíduos retornaram ao país e tiveram de conviver com essa realidade, com a sensação de que no seu cotidiano haveriam de criar formas que os orientasse no sentido de um recomeço, planejariam novas estratégias de vida, a qual estava marcada pela participação na guerra. São estes aspectos que veremos no próximo capítulo ao trabalharmos com os relatos de alguns ex-combatentes residentes em Uberlândia.

CAPÍTULO III – A EXPERIÊNCIA DE GUERRA SEGUNDO VETERANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA:

Ao me interessar por desenvolver este trabalho, logicamente previ algumas declarações tais como: O sofrimento das batalhas, o medo de morrer, a saudade, enfim vários elementos, que fazem parte da realidade das guerras. Em geral, estas informações são freqüentes e foram proporcionadas por um conhecimento prévio sobre o assunto, difundido pelos vários veículos de comunicação ou mesmo no contato com fontes bibliográficas as quais trazem minuciosos estudos relacionados ao tema da II Guerra Mundial.

Mas ao recorrer às fontes orais, tracei uma discussão sobre a passagem da II Guerra Mundial do ponto de vista dos soldados brasileiros. Será dada ênfase na questão da memória e de como esses soldados veteranos estruturam e enxergam seus passados.

Algo que se destaca são as divergências entre suas diferentes opiniões. Isso prova que ao resgatar a memória de diferentes pessoas, que estiveram presente em um mesmo acontecimento não significa que suas impressões serão as mesmas, muitas informação são contraditórias.

Cada entrevistado parece encarar a situação de forma diferente. Para Sr. Paulo, ter participado da Guerra foi um uma experiência muito difícil, pois as atividades que ele desenvolveu exigiam muito do seu esforço físico e acabaram por deixar uma série de problemas de saúde.

Sr. Renato parece não se importar, com as dificuldades ocasionadas pela realidade da guerra, mas confirma que foi privilegiado, pelo fato de que seu regimento não foi muito sacrificado.

Isto também foi reconhecido por Sr. João ele disse que tinha alguns privilégios, porque compunha o Contingente de Engenharia da FEB. Mas traz um depoimento marcado pelas impressões negativas que giram em torno da irresponsabilidade do Governo Brasileiro e do Exército com relação a falta de treinamento dos Soldados.

Todos eles construíram uma idéia de suas experiências e da importância que aqueles momentos tiveram para eles e para o contexto do Brasil durante e após o término da II Guerra Mundial.

* * *

I – Uma vida marcada pela guerra.*

Conversando com Sr. Paulo Jesuíno ex-combatente da FEB, tive impressões marcantes. Sr. Paulo tem 82 anos de idade, declara que tem prazer em expor fatos relacionados á sua experiência na II Guerra Mundial. Tem muita facilidade em se comunicar, fala de forma clara e objetiva sobre este momento delicado da sua vida.

Tem certo receio e se emociona ao falar das dificuldades e do sofrimento que passou. Parece até mesmo se envergonhar, pois nesta experiência foi sujeito diretamente envolvido em um dos acontecimentos mais cruéis na história da humanidade.

No entanto as surpresas foram inúmeras, a profundidade das declarações de Sr. Paulo vão muito além das impressões já analisadas e constatadas em estudos publicados referentes a FEB e a II Guerra Mundial. Esta experiência pessoal colocada em evidência vai além da importância de sua participação nas batalhas travadas na campanha da FEB. Ele expõe o grau das marcas da guerra, que não apenas deixaram cicatrizes no contexto físico, mas também na mente dos homens e na forma como estes homens vivem em seu meio social. Estas condições estão presentes de forma generalizada na vida dos veteranos de guerra ressalta Sr. Paulo.

Em seu caso, ele diz que é um homem doente desde seu retorno, mostra uma série de cicatrizes, principalmente nas pernas que congelaram porque ficaram muito tempo dentro da água. Isso ocorreu enquanto ele compunha a guarnição que protegia a Ilha de Fernando de Noronha dos ataques inimigos. Também a surdez parcial é conseqüência das explosões que ocorreram na proximidades do seu posto. Mas conviver com isso não é tão difícil como foi

* As declarações abaixo são do Sr. Paulo Jesuíno, ex-combatente da FEB, em depoimento colhido pela autora em dezembro de 2002.

seu retorno, Sr. Paulo diz que retornou muito estranho, tinha dificuldades para se comunicar e muito medo, isto foi reconhecido como “neurose de guerra” mas como explicar isso para pessoas simples e humildes como a sua família nesta época.

“Eu era muito jovem e morava no interior do Ceará, tive dificuldades quando retornei, não conseguia trabalhar na roça como trabalhava antes de embarcar”.

De acordo com estudos analisados no 2º capítulo os soldados da FEB em sua maioria não estavam habituados à rotina militar. Estes foram convocados de surpresa e passaram a incorporar regimentos da FEB. Por esta razão e também pelo fato de que a guerra gera certas angústias e a disciplina militar impõe certa pressão aos soldados. Estes passam a apresentar mudanças substanciais em seu comportamento ao voltarem a conviver em família.

Esta passagem demonstra a dificuldade da reinserção na sociedade presente no cotidiano dos veteranos. Muitos soldados que retornaram tiveram esta dificuldade, pois viveram por muito tempo convivendo apenas com outros soldados em um mundo totalmente diferente, esta característica da guerra foi tratada no segundo capítulo e o relato de Sr. Paulo vem confirmar esta característica de forma individualizada.

“Eu não conversava com ninguém, eu não tinha condição de entrar em uma reunião para falar ou para escutar”.

Este fato para Sr. Paulo gera um pouco de revolta, pois o Exército deveria ter se preocupado em desempenhar a readaptação destes indivíduos em virtude destas dificuldades. Mas segundo Sr. Paulo o caso dele não é tão dramático quanto outros. Devemos levar em consideração que muitos ficaram loucos, outros foram mutilados e retornaram com problemas graves. Isto também pode se relacionar à carência de muitos outros veteranos, *“alguns tem muitas dificuldades passam até fome”.*

Entretanto esta decepção relacionada a forma como Exército trata os veteranos é superada através do amparo financeiro concedido pelo governo, muito tempo depois, sobre este assunto, e sobre seu relacionamento com o Exército Sr. Paulo expõe algumas idéias:

“Temos que ter muito respeito para com o Exército dentro do Brasil, não podemos falar mal porque eu sou militar também, e por causa de tudo que passamos. O Exército ainda fez com que conseguimos a pensão, que nos

concede o pão de cada dia, para se manter, e não ter que pedir nada a ninguém, a gente acha que é pouco, por causa do sofrimento, mas já tá bom. Hoje em dia quem tem condições de se manter deve agradecer a Deus.”

Refletindo sobre esta questão, e sobre a forma como Sr. Paulo mantém calmo em suas declarações, tive a impressão de que ele parece não se importar com o impacto da guerra em sua vida. Nos dias atuais ele se satisfaz com a identidade de homem que conseguiu sustentar e constituir família, algo natural na vida dos homens.

Em suas memórias Sr. Paulo dá enfoque à sua identidade religiosa questão bem atuante em sua vida, elemento decisivo que o apoiou ajudando-o a vencer os traumas da guerra.

“Quando eu voltei da guerra, eu não vim bom, minha família não me queria não me dava apoio em nada, e então eu passei a viver assim. Eu era um homem nervoso, e não agüentava quando alguém me maltratasse não era homem que procurava briga, mas também não tinha medo de briga. Enfrentava três, quatro, mas hoje eu vejo que não era eu, era um adversário que estava dentro de mim, e que me jogava dentro do fogo, mas Deus não queria isso.”

Esta argumentação demonstra o quanto Sr. Paulo conta com uma força maior, a sua defesa perante as perturbações da guerra, as quais o impediam de desenvolver tarefas cotidianas, estão inseridas no apoio concedido por uma religião. Ele conta que quando retornou da guerra em pouco tempo se casou, sua esposa o aceitou. Foi compreensiva e o ajudou a superar os problemas do trauma e mesmo de sua debilitada saúde.

Este trauma é mencionado também quando Sr. Paulo confirma que a realidade da guerra vai além do medo de morrer ou das mudanças nos hábitos de forma radical, são muitas mudanças em uma vida. No momento de sua convocação Sr. Paulo vivia na Fazenda no interior do Ceará. Levava uma vida simples e desenvolvia suas atividades na lavoura. Ao se apresentar no Exército, ele passou a obedecer a disciplina militar, algo muito diferente. Essas alterações promoveram um certo desequilíbrio na vida de Sr. Paulo.

Nas informações concedidas Sr. Paulo traça um complexo emaranhado de atitudes vistas e sentidas ao longo de sua experiência na guerra.

“Eu era um rapaz calmo não brigava com ninguém quando fui para a guerra. Nunca desobedeci ninguém, tinha medo de brigar, nunca respondi ninguém, tratava todo mundo muito bem, não sabia o que era briga. Nunca bebi um copo de pinga. Mas quando cheguei na guerra tive contato com estas grandes aflições, encontramos pessoas piores que a gente, e começamos a fazer o que não presta. Ai vem uns pensamentos, todos negativos. E somos obrigados a fazer porque, a mesma coisa é a pessoa fugir de uma ordem do comandante na guerra, eles dão uma ordem e se a gente fugir a gente é covarde”.

Nesse sentido, Sr. Paulo sente que muito de suas virtudes foram corrompidas nas ações de guerra, nas necessidades do momento. Isto é esperado pois as pessoas valorizam sua honra, sua simplicidade, sua bondade. Os seres humanos na maioria dos casos são educados com este propósito. É na Guerra que estes valores são destruídos mesmo que estas ações são provenientes de pressões e ordens de oficiais ou mesmo em defesa de si próprio. Esta sensação e esta perda de valores são marcantes na vida dos veteranos.

Sr. Paulo destaca que os homens devem conviver com isso de forma equilibrada, caso contrário estarão se auto prejudicando:

“Por causa das aflições muitos fugiram, eu conheço alguns que estavam no navio e pularam na água, por sorte não morreram. Eles estão aí, coitados não tão recebendo nada porque desertaram, também por sorte não pegaram uma sentença de crime pesado. Mas eu fui e estou aqui, as pessoas passam por muita coisa por causa das aflições que são demais”.

Estas questões destacadas em sua fala, são temas difíceis de se trabalhar trata-se de algo que pode ter sido notado ainda durante a guerra ou mesmo ao longo de suas reflexões sobre o fato, esta dificuldade é recorrente nas entrevistas e estão diretamente ligadas as impressões pessoais de cada indivíduo.

Generalizando parte da entrevista tive curiosidade de saber se Sr. Paulo tinha condições de falar sobre as relações políticas estabelecidas durante a guerra entre o Brasil e os Estados Unidos:

Sr. Paulo diz que na época desconhecia tal relação, apesar de que via a bandeira dos Estados Unidos por todos os lados e recebia alimentos de nome estranho e importado. Com o passar do tempo é que ele obteve mais informações e passou a compreender melhor o motivo da Guerra.

“A pouco tempo estive na Inglaterra, e pude perceber o quanto os países ricos do estrangeiro fazem questão de mostrar o poder que tem, imagino que os Estados Unidos é um país que quer ser o maior e não admite se humilhar para ninguém, eu não tenho estudo, por isso não consigo explicar o fundamento que fez com que este país entrasse na guerra. Nós sabemos que Italianos e Alemães eram contra os Estados Unidos e a Inglaterra, e que estes participaram ativamente em combate. Mas não sei o que o fim da guerra proporcionou a estes países, eles ganharam alguma coisa e atingiram seus objetivos.”

Neste trecho Sr. Paulo demonstra estar parcialmente informado sobre as repercussões da guerra no mundo. Conhece as relações estabelecidas por Alemanha e Itália, Inglaterra e Estados Unidos, mesmo que de forma simples. A questão dos Estados Unidos e sua hegemonia, desde o período da guerra chama a sua atenção. Principalmente ao reconhecer que a entrada dos Estados Unidos na Guerra foi estimulada pelo interesse de demonstração de poder e esta atitude foi a principal responsável pela formação da FEB.

Sr. Paulo não se sente muito à vontade, ao perceber que a discussão se estenderá. Ele direciona o assunto para outras questões, se referindo sempre a sua posição religiosa.

Para evitar constrangimentos resolvi não insistir muito, argumentos sobre a sua experiência na Guerra, são memórias tristes que poderiam lhe prejudicar, quando recordadas.

II – Uma experiência emocionante*.

Sr. Renato diz que ter participado das atividades da FEB foi a maior experiência de sua vida.

“Eu era muito jovem e trabalhava em marcenaria na cidade de Lavras. Quando fui convocado teria oportunidade de sair e conhecer outros países outras cidades. Gostava muito de Geografia”.

Esta declaração é surpreendente e ao mesmo tempo diferente do que tinha ouvido nas entrevistas anteriores concedidas por Sr. Paulo. Tive a impressão de que Sr. Renato via sua experiência de guerra como uma aventura. Em muitos momentos comentávamos de sua coragem. Talvez este distintivo presente em suas memórias teria sofrido transformações ao longo do tempo, pelo simples fato de que ele não apresenta nenhuma seqüela e não mantém contato com outros veteranos há vários anos. Além de ter certa estabilidade financeira e ter constituído família de forma equilibrada.

Sobre algumas questões sempre levantadas nos estudos referentes à FEB, no caso a precariedade e falta de treinamento, Sr. Renato demonstra estar surpreso, ele diz que desconhece tal realidade:

“A realidade no meu regimento era outra, tínhamos rações para determinados horários, munições e equipamentos, tudo muito bem distribuído e calculado. O Exército fez uma seleção perfeita, eles ficaram preparando as corporações por mais de um ano. Tivemos até um bom desempenho levando-se em conta que foram registradas menos de 500 mortes. Éramos mais de 25.000 numa guerra deste porte. Se esta inferioridade fosse importante, você não concorda que deveria ter sido pior a campanha da FEB. O Exército tinha todo o cuidado, a medida que os riscos eram calculados e era visto que o nosso batalhão não tinha condições os generais não permitiam a ação. Tínhamos muita cautela e responsabilidade. Para uma patrulha não ser surpreendida tínhamos todo o cuidado com a comunicação.”

Em seguida faz comentário relacionado à conduta dos soldados mediante a convocação, o que já deveria estar presente na imaginação de cada um:

* As declarações abaixo são do Sr. Renato Raimundo do Rego, ex-combatente da FEB, em depoimento colhido pela autora em dezembro de 2002.

“Mas a realidade da guerra é muito trabalho, pouco conforto, temos que ter esta noção”.

E ainda completa, fazendo comentário à cerca de como deveria ser observada a diferença entre o cenário da guerra e a forma como os soldados se envolviam com a realidade da guerra:

“O sofrimento maior é nas cidades que são o palco da guerra, os civis são as maiores vítimas, passam fome, fogem abandonando suas casas, muitos morrem ou tem um parente morto, é uma tristeza. Nós fomos recebendo apoio financeiro, tínhamos cobertura e como nos defender do inimigo.”

Esta declaração é a justificativa de Sr. Renato, já que ele confirma e diz que desconhece o fato da FEB ter tido dificuldades na sua manutenção, ter desempenho criticado pela falta de rigoroso treinamento. Mas Sr. Renato acrescenta que existem diferenças entre os batalhões. No caso do seu grupo eles podem ter sido privilegiados, e ao desenvolverem suas atividades não foram muito sacrificados.

Em outra parte da entrevista foi verificado com Sr. Renato, seu conhecimento sobre o tema da II Guerra voltado para a necessidade da entrada do Brasil no conflito. Também as informações gerais sobre a guerra e se naquela época ele tinha conhecimento sobre o que estava acontecendo.

“Sobre o conhecimento do que estava acontecendo na época, o único meio de notícias no meu caso era o rádio, eu ouvia que o mundo estava em guerra, vários países estavam empenhados em lutar contra um outro sistema muito poderoso que ameaçava os outros países. Hoje é que entendo o que aconteceu na Alemanha e nos países que o Exército de Hitler conseguiu ocupar, foi muito triste, se o Brasil passasse por isso seria muito difícil. Foi por isso que o Brasil enviou a FEB, demonstrando sentimento contrário ao que estava acontecendo na Itália.”

Neste sentido Sr. Renato, parece concordar com a entrada do Brasil na Guerra. Na sua opinião, os brasileiros estavam defendendo o país da influência nazista. O que ocorrera em parte dos países europeus, que se envolveram diretamente no conflito.

III – De repente me tornei um Engenheiro* .

A Experiência de Sr. João também apresenta fatos curiosos principalmente se imaginarmos o quanto foi interessante para uma pessoa simples do interior se tornar de repente um militar que passou a desenvolver atividades totalmente diferentes das habituais.

Ao iniciar a entrevista comentei com Sr. João as impressões que tive, junto as informações obtidas através dos outros veteranos entrevistados. Em destaque as transformações e os traumas de guerra, Sr. João enfaticamente disponibilizou a seguinte declaração:

“Me pegaram lá na roça, nunca tive um treinamento. Eu me apresentei em Juiz de Fora, desta cidade me mandaram para o 9º Batalhão, aí nós fomos embora. É para sentir alguma transformação. A minha sorte é que quando eu cheguei lá, me perguntaram o que eu fazia no Exército. Eu falei não faço nada. Porque que eu ia falar que faço. Me tiraram de lá junto com mais 19 homens, e me mandaram para fazer um curso, o curso de mina. Aí eu aprendi como detectar uma mina, como é que neutraliza, como arma e como desarma, como é que se planeja. Quer dizer de um lavrador eu passei a ser um planejador de matar. Isso tem muita diferença. E ao invés de ser pecador é herói. Tudo que eu fazia eu era tido como herói. Eu fui condecorado várias vezes. Um homem não pode voltar normal. Preparar para pegar o soldado na hora em que ele vai escapar. As minas ao invés de matar elas mutilam, e você sabe que o soldado mutilado dá muito mais despeza. O objetivo da mina é aleijar”.

Sr. João não se reconhece como herói, ao contrário, ele se tortura na medida em que imagina ser um marginal. Mesmo sabendo que todas as transformações ocorridas em sua vida foram conseqüências de interesses maiores, no caso do governo e do Exército que ditavam as ordens.

Neste sentido um certo conflito individual está presente na vida de Sr. João parece ser difícil aceitar esta mudança, que previamente deveria ser a lógica da Guerra.

* As declarações abaixo são do Sr. João Borges de Rezende, ex-combatente da FEB, em depoimento colhido pela autora em dezembro de 2002.

O impacto foi muito grande segundo Sr. João, mas diante das atrocidades da guerra isto é normal. Aproveitando estes levantamentos, questionei se o fato deste tipo de incoerência, pode ter acontecido em virtude da falta de preparo e do treinamento dos soldados. Estes dados são mencionados várias vezes nos estudos referentes à FEB. Contudo ele colabora com a sua opinião sobre a falta de treinamento e o desempenho da tropa:

“O Brasil nunca foi de guerra, ainda mais uma guerra moderna, mas preparou e adequou os contingentes tanto é que não fez feio, as tropas nossas lutaram bonito. Eu ajudei a desminar lá em Livorno na beira do mar, para que o 2º Escalão fosse desembarcar. Fiz demonstração para eles, para que eles soubessem o que é uma mina para não fazer feio. Terem noção e não fazer bobagem. Sob os treinamentos cada batalhão agia diferente, no meu caso, o treinamento aqui não valeu, o exército demonstrava mais preocupação com o condicionamento físico dos convocados. Isto não é treinamento de linha de frente, se teve treinamento em linha de frente este pode ter sido realizado já na Itália, eles treinaram lá”.

Outra informação relacionada às diferenças entre as tropas, Sr. João acrescenta que de certa forma foi privilegiado estando no contingente de Engenharia.

“Eu participei do primeiro combate ao último combate, para falar a verdade, eu fui premiado muitas vezes, fui passar o natal em Firenze, fui descansar em Monte Catinni que é um balneário, por causa do meu serviço, eles me pouparam por causa do meu serviço. Eles sugavam o que eu tinha depois me davam descanso. Garanto que a grande maioria não teve. Quando foi preciso recuar no Monte Castelo em 22 de novembro, os oficiais me tiraram para descansar, fiquei na folga comendo muito bem, passei por mordomias que eu nunca tinha tido. Depende do modo como a pessoa é sacrificada lá. Eu por exemplo trabalhava somente à noite. 90% do meu serviço era à noite, no campo de mina, desminar abrir caminho para a infantaria. O meu serviço era esse”.

A experiência de Sr. João traz alguns detalhes surpreendentes e contraditórios. Reconhecendo o tema da guerra, eu não poderia imaginar que no decorrer das atividades, alguns soldados foram premiados com folga e descanso.

Mas esta questão está ligada aos diferentes tratamentos oferecidos pelo auto escalão do Exército. Manter posição favorável para alguns indivíduos significava um controle maior sobre a tropa.

Sr. João entende que os fatos ligados à Guerra geralmente estão inseridos nas relações financeiras presente em cada país envolvido. Complementa esta complexa questão que evidencia os interesses dos países de uma forma geral. Nesse sentido a figura do soldado que está no campo de batalha perde o sentido. Ou seja, se levarmos em consideração que os soldados brigam defendendo a sua pátria. Este interesse financeiro mencionado anteriormente está muito distante da realidade dos campos de batalha.

Sr. João entende que Deus está distante da guerra. Pois diante de tanta crueldade aplicada, visando interesses financeiros, fica complicado até mesmo acreditar no poder de Deus ou das Religiões.

“Eu brigar com uma pessoa, uma pessoa que nunca falou bom dia para mim, e eu nunca falei para ele. Ele é um elemento que está lá como eu, defendendo a pátria dele como eu fui defender a minha. Chega lá eu pego ele em surdina e viro herói, isso é um comércio, eles foram defender a pátria deles por uma razão e nós fomos defender a nossa pátria por outra razão. Você está vendo que os Estados Unidos estão fazendo lá em Israel, isso é por dinheiro para a sua sobrevivência, destruir para construir de novo, para dar emprego, é a ginástica da vida. Tudo saturado de novo e o que acontece precisa destruir, precisa matar, assim essas guerras duram anos”.

Sr. João entende que Deus está distante da guerra. Pois diante de tanta crueldade aplicada, visando interesses financeiros, fica complicado até mesmo acreditar no poder de Deus ou das Religiões.

“Na guerra todas as religiões se encontram é católica, é protestante, é espírita, todos na linha de frente e os oficiais lá na retaguarda onde os tiros não os atingiam. Eu raciocinava, como é que eu iria surpreender alguém sem essa pessoa ficar sabendo. E depois eu ia lá rezar uma missa para sua alma? Isso não está certo. Eu queria saber por qual razão o Vaticano apoiou a Alemanha e depois o Papa pediu perdão, perdão não paga vidas, nada paga vidas. Todos falam, o João é incrédulo, eu não sou incrédulo, eu acredito em Deus, mas ao mesmo tempo eu penso que Ele é poderoso, porque que Ele permite essas coisas que acontecem por dinheiro?”

Acrescenta que por trás das Religiões, ainda reina o mesmo interesse financeiro, característica muito forte, que se desprende dos objetivos vistos somente nos projetos dos governos, e invadem território religioso.

Como alguns veteranos de guerra geralmente sentem dificuldades em levar uma vida normal após retornaram ao Brasil. Foi abordada esta questão na entrevista concedida por Sr. João:

“Depois que eu voltei da guerra eu encontrei uma mulher extraordinária que teve coragem de casar comigo, a minha sorte é essa, a minha companheira é muito compreensiva. Mas não foram todos que terminaram assim, muitos estão abandonados, loucos, foram jogados para o lado. Eu me tratei, tomei muito remédio, fui em muitos médicos para ver como estava minha cabeça. Inclusive barulho até hoje eu não tolero”.

De acordo com sua declaração Sr. João parece ter tido dificuldades em sua reinserção na sociedade. Mas em seu caso ele pode contar com o apoio médico e lógico da esposa.

Continuando as discussões relacionadas à condição dos soldados após o retorno ao Brasil, questionei se Sr. Paulo não considera importante a falta de assistência do Exército aos Ex-Combatentes:

“Eu acho que quem abandonou nós foi o Getúlio Vargas, o maior interessado em mandar nós para a Itália. Mandou uma bucha para lá. Porque mandar pessoas sem treinamento para uma linha de frente onde a tropa inimiga já está treinada e estava lutando a muito tempo é muito diferente”.

Sr. João defende o Exército em certo sentido, ao responsabilizar o governo, ele mostra que o Exército também é vítima do sistema de governo que o pressiona a atribuir ao Exército uma série de obrigações:

“Eu procurei o Exército a pouco tempo, o Exército me atendeu muito bem, mas se não procurar eles não pagam, a poucos anos é que tivemos o direito de receber uma parte em dinheiro o que já está bom demais, vivemos muitos anos sem nenhuma esperança e a maioria não tem meio de sobrevivência. Este amparo que foi iniciado o pagamento em 1982 não é o bastante, porque tem gente viciado em bebida, porque não teve uma assistência social, muitas pessoas ficaram desse jeito depois que voltaram da guerra. Eu nunca mais vi um elemento da minha unidade, para você ver o tanto que é desorganizado nesse sentido. Nós fomos soltos lá no Rio de Janeiro, o Exército pagou, tirou o cabresto e soltou”.

Neste caso, o fato de que o Exército deve obedecer ordens, o liberta de algumas responsabilidades. Mas levando-se em consideração que este órgão está diretamente envolvido com os soldados e, no entanto com os veteranos, Sr. João confirma a presença de

uma certa irresponsabilidade e falta de interesse em aproveitar a experiência do Ex-combatentes, os quais no período de guerra demonstraram esforço pessoal e honraram a tradição militar do Brasil.

A pensão paga aos Veteranos concedida pelo governo é um grande avanço, mas não se trata de uma recompensa válida. Ao analisar a situação de muitos Ex-combatentes, os quais apresentam uma série de desequilíbrios isto é recorrente.

Ao encerrar a entrevista, tive interesse em observar o conhecimento de Sr. João com relação às políticas estabelecidas entre o Brasil e os Estados Unidos durante a II Guerra Mundial:

“Tem acordo assinado e compromisso, é a mesma coisa que acontece com a gente, nós temos nossas contas para pagar em dia, você tem obrigação de cumprir os seus compromissos. Mas eu acho que tem de preparar para lutar, a tropa não deveria ter ido destreinada. Mas, participar, nós tínhamos de participar, ainda com um número maior de soldados. Os compromissos assumidos demandavam uma força maior. Porque eu sou contra calote. O Presidente vem assinando acordos, promete apoio aos países vizinhos e depois quando aperta ele deixa para lá. Eu acho que ele tem que cumprir desde que o Presidente assumiu, ele tem que participar.

Atualmente, isso também acontece, os governos vivem integrados se reunindo, cada um demonstra interesse pelo outro, todos precisam uns dos outros.

Na Segunda Guerra o que aconteceu foi que Hitler invadiu, rompeu os acordos, pegou a França de surpresa”.

Para Sr. João as relações entre Brasil e Estados Unidos significam rigoroso compromisso, os quais devem ter a importância de uma dívida que obviamente é perdoada mediante pagamento.

Neste sentido devemos levar em consideração que os países ao se comprometerem na defesa de certos interesses disponibilizam forças extraordinárias diante de alguma ameaça. Mas como reconhecer e respeitar certas atitudes quando estas sacrificam seres que estão distantes e que na sua maioria não são beneficiadas por estes acordos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes estratégias de guerra tornaram-se pouco inexpressivas diante das análises realizadas para elaboração deste trabalho. Tomando isso como referência pessoal espero ter valorizado a experiência da FEB de forma justa. Esta é uma preocupação presente nas colocações dos Veteranos de guerra. Ocorreu devido às críticas percebidas ao longo do tempo. Estas críticas geralmente reduzem a experiência da FEB. Algo que incomoda os Veteranos, pois sendo eles indivíduos diretamente envolvidos nas atividades, eles tiveram suas vidas marcadas e de certa forma trabalharam em função de que o efeito provocado pelas atividades desenvolvidas pela FEB, fossem valorizadas no sentido de que significassem importâncias também para a sociedade.

Conheci poucos Veteranos, apenas quatro pessoas de uma lista de mais de vinte nomes, destes todos residem em Uberlândia. Espero ter tratado com respeito suas experiências. Pois procurei abordar importante momento de suas vidas de forma coerente.

Com isso a questão que para muitos é ignorada por não ter sido uma ação decisiva no palco da II Guerra Mundial, se destacou por apresentar inúmeras informações que redirecionaram as discussões. No momento em que as recordações dos Veteranos foram divulgadas, um outro sentido foi dado as discussões referentes a participação do Brasil na II Guerra Mundial. Refiro-me á críticos que reduzem a experiência da FEB a mera ação coadjuvante, pois no período em que as primeiras tropas da FEB desembarcavam na Itália, tratava-se do final da guerra. Onde as tropas inimigas já não correspondiam mais às batalhas com tanto entusiasmo.

A experiência da FEB, nesta pesquisa foi reconstruída, e revelou sensivelmente todo o descompasso entre a aparência grandiosa e espetacular da guerra e o estado de amargura e perplexidade dos nossos pracinhas diante de uma situação para eles sem sentido.

Por outro lado o que podemos perceber também após a leitura dessa obra, é a diversidade de formas ou de abordagens que foram utilizadas para entender a participação do Brasil na II Guerra Mundial. Isso está diretamente ligado ao tratamento das diferentes colocações dispostas ao longo do desenvolvimento dos capítulos.

No primeiro capítulo por exemplo foram narrados as dúvidas e os conflitos existentes no interior da política de Vargas. Bem como as reações da população mediante a necessidade da declaração de guerra.

Ao tratar das condições do Exército e da FEB, que objetivavam mostrar seu poder e sua capacidade de confronto em uma guerra moderna. Tivemos oportunidade de conhecer melhor a campanha da FEB na Itália.

Já na recuperação do cotidiano da FEB em campanha foi explicitado um amplo cenário de incertezas e choque dos soldados diante das atividades de guerra.

As diversas opiniões e posições presentes nos comentários dos veteranos entrevistados também confirmam a riqueza de discussões que foram travadas ao longo dos estudos sobre a FEB e sua participação na II Guerra Mundial.

Assim ao contar episódios das atividades da FEB, foi permitido uma melhor compreensão de uma época pouco conhecida e pouco lembrada de nossa história.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

I – FONTES

DEPOIMENTOS:

Sr. Paulo Jesuíno da Silva (82 anos), residente em Uberlândia. Convocado pelo Exército no interior do Ceará onde morava na época. Em 1943 foi incorporado ao 2º Escalão da FEB. Atualmente é Pensionista especial do Exército.

Sr. Renato Raimundo Rego (80 anos), residente em Uberlândia. Convocado pelo Exército na Cidade de Lavras onde morava na época. Em 1944 foi incorporado ao 3º Escalão da FEB. Atualmente é pensionista especial do Exército.

Sr. João Borges de Rezende (80 anos), residente em Uberlândia. No instante de sua convocação ele se apresentou em Juiz de Fora. Incorporado ao 2º Escalão da FEB em 1943, participou de treinamentos na área de Engenharia das Minas. Passou a desenvolver suas atividades no 9º Contingente de Engenharia da FEB.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, Octavio. **Trinta anos depois da volta: O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976.

CYTRINOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração/EDUSP, 2000.

FALCÃO, João. **O Brasil e a II Guerra Mundial: Testemunho e depoimento de um soldado convocado**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

FRIZZARIN, Fernando Bryan. **Monte Castelo**, Página da Web. www.cfh.ufsc.br/~feb

GLOBO, Agência. **O Globo Expedicionário: O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro.

GUSMÃO, Aldo M. **O Cotidiano dos pracinhas da FEB durante a campanha na Itália**. Página da Web. www.cfh.ufsc.br/~feb

SCHNAIDERMAN, Boris. **Guerra em Surdina – histórias do Brasil na Segunda Guerra**. São Paulo Brasiliense, 1985.

THOMPSON, Alistair. **Quando a Memória é um campo de batalha: envolvimento pessoal e políticos com o passado do Exército Nacional**. In: Projeto História, São Paulo, (16), fev, 1998.